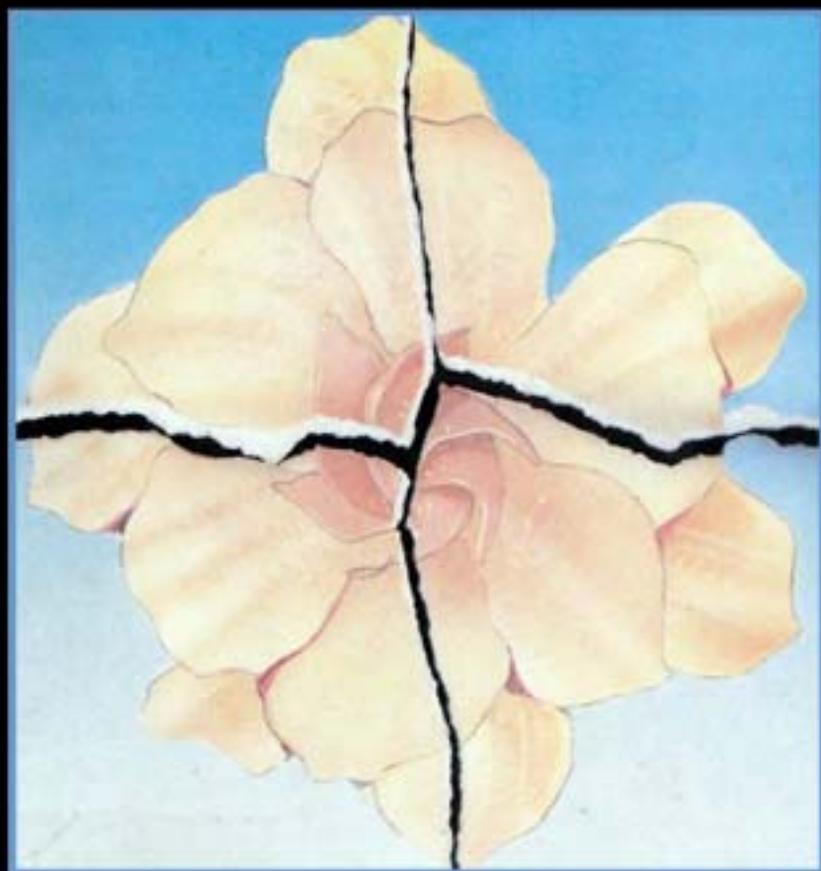


DIGA ADEUS A LORNA LOVE



Francisco Grijó

Francisco Grijó

Diga adeus a
Lorna Love

Tertúlia

Livros e Autores do Espírito Santo
www.tertuliacapixaba.com.br

© 1987 Francisco Grijó
Edição digital de 2013.

Ilustrações e capa: Walter Luís.
Obs.: A capa para esta edição foi baseada na capa original.

Preparação de texto e revisão do autor.

Projeto gráfico: Edições Tertúlia

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem autorização do autor ou dos editores, constitui violação da Lei de Direitos Autorais - Lei 9.610/98.

Cultural & Edições Tertúlia
Vitória, ES
www.tertuliacapixaba.com.br
tertulia@tertuliacapixaba.com.br

Tertúlia

Livros e Autores do Espírito Santo
www.tertuliacapixaba.com.br

Apenas Brigitte Bardot	9
Diga adeus a Lorna Love	33
Um grão de areia no Saara	40
Meet me in St. Louis	53
Seis etapas de maio	55
Quando choramos	59
Desespero e hipóteses de Joana Head	60
Da melhor noite	86
Dois meninos e um jazz	91
Sete segundos	94
Zariger e o mundo	99

1ª PARTE

Sim, eu era Branca de Neve. Só que derreti.

Mae West

APENAS BRIGITTE BARDOT

1

Encontrei primeiro um que tinha cabelos crespos e não passaria dos vinte e dois anos. Talvez herdeiro de algumas fazendas do em Mato Grosso ou um campeão de windsurf. Estávamos numa festa. Serviam uísque e coquetéis e a conversa, embora tenha ouvido pouco ou prestado nenhuma atenção a ela, girava e girava, tornando a voltar ao ponto de partida, não tendo por que terminar, acho que era isso, ou qualquer outra coisa. Entre um e outro copo, fui-me dissolvendo aos poucos, quase sem perceber, e o rapaz de cabelos crespos era definitivamente um idiota. Quase dei um beijo nele (Deus me perdoaria mais uma vez). Fui direto ao assunto de que poderíamos dar umas voltas, etc, etc, mas vejam só, sabem o que ele disse? Disse que estava esperando a sua princesa encantada. Era mesmo o mais perfeito dos débeis mentais. Uma princesa en-

cantada?, perguntei. Ele disse, sim , minha princesa encantada. Beije um sapo, falei.

Rimos. Todos nós rimos muito, estava boa a conversa.

Voltei para casa às sete. Olhei no espelho e vi uma figura pouco conhecida nele. Seria ótimo ter um sorriso novinho agora. Vomitei um pouco, escovei os dentes e esperei amanhecer.

2

Eu disse ao meu pai, eu devia ter uns treze anos:

- Quero ser escritora ou dançarina de boate.

Ele me disse que, quanto a ser dançarina, tudo bem; agora, quanto a me tornar uma escritora, ele foi implacável:

- Quando você vai me poupar dos seus deboches?

Sério. Ele disse isso e não me atrevi sequer a contar-lhe sobre Lewis Carroll.

O tempo passou, meu pai morreu de câncer no pulmão depois de dois milhões e meio de cigarros e eu me tornei uma secretária. Trabalhava numa companhia de produtos químicos e ganhava o bastante para continuar viva. Não pagava aluguel e não gastava dinheiro com remédios. Dava para economizar um pouco, gastando apenas com cigarros e chocolate. Nunca fui chegada a namorados pobres. Sem essa, nada com você, Amor.

Eu tinha a tarefa de levar minha vida escrevendo poemas muito sujos e dedicados às situações mais nojentas.

Meu patrão: quarenta e três anos, duas filhas, uma esposa comportada, um Opala e quinhentos milhões de cruzeiros aplicados. Havia uma gastrite que o incomodava.

Eu: vinte e seis anos, algumas rugas, um metro e setenta, belo corpo, nenhuma sarda, católica, e mil palavras por hora.

Nunca daria certo.

Meu trabalho era arquivar as propostas de venda de material, catalogar nomes de clientes, atendimento etc.

Nada que importasse muito numa cidade como esta. Ele chamava: Vera! E eu estava pronta em poucos segundos, os olhos invariavelmente disfarçados. Pode ir, Vera! E eu ia. Não sabia para onde, mas ia.

O telefone tocava a cada dois minutos. Ia assim até o meio-dia, quando eu saía para almoçar. Tinha exatamente duas horas para isso e, como precisava de pouco tempo para um sanduíche, gastava meus instantes lendo algum livro ou escrevendo poemas. Veja você – um talento esquecido, arquivando pedidos da clientela do sul do país, nossos maiores fregueses.

4

Vera Lúcia, nascida numa quarta-feira de cinzas, três quilos e oitocentos gramas. A cidade tinha virado um monte de gente andando pelas ruas, exibindo pacotes, experimentando roupas, vivendo, vivendo, chorando, ruindo. Uma cidade com

não sei quantos mil habitantes, pilhagens, puro pó e sujeira e loucura e sobras. Vou levando. A vida é assim mesmo. Eu arrumava uma desculpa e continuava tudo – segunda, terça, quarta, e assim por diante.

5

O meu envolvimento sexual com os homens estava em baixa. Acho que eles esperavam menos de uma secretária que nem ao menos era bilíngue. Estavam mal acostumados. Fui conhecendo muitos num espaço de tempo insuficiente para me impressionar. O nome de um deles era Ary. Era repórter e comentava sobre literatura no jornal em que trabalhava. Adorava Irving Wallace. Eu preferia Vonnegut e fim de papo. Foi mesmo o fim quando eu disse (muito sutil) que Irving Wallace escrevia para leitores com a inteligência de um gafanhoto. Eu o vi mais algumas vezes, sempre em livrarias, os dentes empalidecidos (provavelmente perguntava quem era Vonnegut). Conheci outro que fazia coleção de selos; outro que não suportava ver mulheres mascarando chicletes e por aí vai essa infinita fila de maus encontros.

Ia mal. Trabalhava oito horas e dormia oito. Restavam outras oito para escolher o que fazer. Podia comprar um jeans novo ou me apaixonar. Ou qualquer outra coisa.

Acordei meio muda não sei bem o motivo. Lembro-me de que quase tive os tímpanos estourados pelo saxofone de um vizinho. Adorava quando ele resolvia ouvir Lester Young ou Miles Davis no toca-discos. Era sábado. Fui até o banheiro e olhei meus dentes. Olá, Brigitte Bardot! Estava com olheiras roxas. Recordo-me de ter contado a mim mesma um segredo e agora nem consigo lembrar qual é. A voz estava rouca, meu pescoço parecia ter sido atingido por um boxeador. Coloquei as mãos nos quadris e olhei, olhei bem dentro do espelho. Calma, Alice! A camisola colocada ao avesso – um aspecto confuso de ninfa bêbada. Acho que me vesti às pressas. Voltei e procurei a escova de dentes, a boca inteira de vodca, os lábios anêmicos. Tentei me lembrar do homem que me envolvera com olhar de sequestro. Não havia homem algum. Uma dor no fígado, talvez. Outro murro bem dado. Sábado com que finalidade? O que faz uma secretária com aspirações a ser escritora num sábado cuja noite termina às duas da madrugada? Que remédio senão esperar que toquem a campainha, ou sair para comprar sal? Merda. Merda real com chantilly e tudo. Puta que me pariu, peitos imensos de vaca, me dando leitinho fervido e calçando as minhas botas ortopédicas. Deitei na cama. Grande demais.

Toda vez que saio é assim. Fico olhando a cena se desenrolar e ela vai me tirando a paz gradativamente. Os edificios cheios de limo, as igrejas mandando seus sequazes para as praças, com microfones e guitarras. Motocicletas, policcias, vento, muito vento desmoronando penteados. É sempre assim – tiro quinze minutos para ficar amargurada. Sempre dá certo. Fico olhando as portas desses edificios enormes. Acho que numa dessas portas – ou sob elas – há um bilhete endereçado a mim, indicando caminhos como fagulhas de luz. Mas é como se eu não tivesse vontade de chegar lá e conferir meu cartão de loteria; não perguntar a um parente distante se não sobrou nada da herança do trisavô que nunca conheci. A fatalidade não leva suburbanos para morar em Buckingham. Sou feita da outra perna de Adão (a atrofiada, bem entendido), depois de retirados todos os nervos e a melhor parte da panturrilha pra inaugurar a raça chinesa.

Acendi um cigarro.

Um cachorro, uma criança chorando. E eu aqui, contando dinheiro pra comprar um litro de martini. Foi um dia comum, como os outros nove mil e quinhentos dias.

Fiquei uma ave de gaiola quando tirei minhas férias. Era triste acordar às dez todos os dias e não ter mais nada a fazer a não ser viver. O ato de me contorcer num canto, quietinha, não me fazia bem. Não havia mais nada somado aos meus poemas, meu café, meus porres e minhas pernas roliças. Bem, eu iria encontrar meus amigos e, enganando direitinho, servia como alívio. Eles estavam em algum lugar da cidade. Quase cinco meses sem sair e vadiar. Íamos pro bar mais próximo, ríamos, lamentávamos, bebíamos *and the end*.

Eu tinha umas folhas de papel para serem rabiscadas com adjetivos pornográficos, emoções e super-heróis. Escrevia ouvindo blues. Era um ritual, um segredo. Sempre apareciam poemas vindos de Zimbábwe ou de outra galáxia. Eu tinha um pôster do Peter Orlovsky bem acima da minha cabeça. Ele sempre zombava de mim. E eu fingia que estava bem com ele.

Minha solidão nunca me proporcionou momentos generosos. Um simples suspiro fazia escapar meu demônio mais escondido. O extrato bancário havia chegado e eu sem coragem para abri-lo. Era duro não poder contar os zeros rolando poltrona abaixo, uma caixa-forte servida com ilusões.

Resumindo: eu tinha que dar um jeito, minha caixa de tranquilizantes estava se esvaziando. Era este o meu dia: monte de merda numa cabeça de galinha. Resto de lixo de penitenciária. Melhor é ficar de rédeas prontas.

Encontrei alguns amigos. Eu precisava deles, infelizmente. Fomos a um bar chamado Muxinga, cujo dono havia sido guerrilheiro e agora se dizia quacre. Era um lugar estilo colonial e havia um excelente campari. Estávamos eu, Sônia, Álvaro e Volkswagen. Volkswagen era o apelido de Milton, um homem beirando os quarenta. Tinha o apelido por que fora casado com uma mulher que o obrigava a dormir na garagem quando ela não podia suportar mais de um homem na cama. Muito justo. Agora ele era professor num curso pré-vestibular. E tinha uma motocicleta (ironicamente apelidada de Vera Fischer). Tudo bem. Sônia era minha melhor amiga. Era filha de fazendeiros de cacau na Bahia, era estudante ainda e tinha dois grandes olhos cor de aço inoxidável. Álvaro era esquizofrênico e falava sânscrito.

Eram dez e meia.

A noite não prometia muito. A cidade parecia não emergir da piscina do cotidiano. As pessoas continuavam as de sempre, os letreiros continuavam acesos. A dor também era igual à de ontem. Pedi um campari e veio um copo cheio, dava pra gastar a noite inteira. O garçom rodopiava, sugerindo, orientando. O bar não estava muito cheio. Os casais trocavam-se e poucas pessoas percebiam. A fumaça ficava imóvel escondendo gemidos e vozes. Sônia fumava o mesmo cigarro fazia anos. Ela estava esperando Rubinho e Babu. Babu era uma mulher, soube

mais tarde. Era de uma cor muito clara e devia medir um metro e noventa. Até aqui nenhuma coerência com o apelido minimalista. O nome dela era Fernanda, fiz questão de perguntar. Éramos seis, numa mesa redonda, algumas cervejas e meu campari. A música oscilava entre Oscar Peterson e Dalva de Oliveira – esta última sublinhando significativamente a troca de olhares entre homens e mulheres. Saímos do bar às duas e Sônia resolveu que iríamos todos para o apartamento dela e que poderíamos dormir lá, se quiséssemos. Ótimo. Passar mais uma noite comigo mesma me atrai tanto quanto ler a Bíblia em hebraico. Fomos seguindo pela beira-mar, entre conversinhas e bebedeira. O cheiro da madrugada motivou Babu a encenar um filme de terror que ela vira na adolescência. Ela se esforçava para equilibrar-se (havia bebido mais do que todos, se somados), contava um parágrafo, sorria, acendia um cigarro, contava outro, debruçava-se, colocava a mão na cabeça e *the movie monster* não se decidia, a mocinha presa no sótão, etc.

Vomitou tudo.

Só quando chegamos ao nosso destino, percebi que não éramos mais seis. Contei nos dedos – eu, Sônia, Babu e Rubinho, que conseguiu abrir a porta.

Entramos. O apartamento de Sônia era legal. Logo que se entrava, Picasso mostrava os dentes numa careta convidativa. Era um pôster gigante, quase do tamanho de Babu. Havia bons livros e bons discos. Sônia estava morando sozinha. Seu irmão

morrera com a boca roída de láudano. Ela vivia dizendo que ele fora combatente no Vietnã e desaparecera num daqueles pântanos imensos. Contava isso e começava a rir, como se isso fosse hilário.

Sônia serviu mais bebida. Fomos todos no jogo.

Bebemos até amanhecer o domingo, o sol golpeando a nuca. Restou pouca lembrança do que conversamos ou fizemos. A última cena que presenciei foi a língua dura de Rubinho entrando reta na boca de Babu. Sabe lá Deus por que me lembrei do meu primeiro namorado naquele momento.

Quando levantei, fui perceber o terremoto que havíamos causado no apartamento de Sônia. O Kracatoa teria feito menos estragos. Engoli meio tubo de pasta de dentes e fui embora, sem me despedir. Só um bilhete preso à porta com fita durex:

OBRIGADA!

10

O tempo é o melhor veneno. Vai saindo aquela dorzinha estranha e aparece um vulcão de paranoia ou então a gente se resume numa mistura de pedra e carne. Você fica esperando chegar uma carta, finge que não percebe que querem roubar de você a melhor parte da torta. E eles nem veem você passar por perto. Muito sem importância.

Me recordo bem de quando vi Babu pela segunda vez. Ela havia passado por mim no meio da multidão que se esfrega nas ruas. Parece que não tinha sido suficiente vê-la praticamente ingerir Rubinho. Estava toda pintada. Nunca entendi bem por que as pessoas se pintam tanto e com tanta frequência.

– Babu!, - gritei. (Talvez fosse melhor gritar Fernanda.)

Ela voltou-se:

– Vera! Tudo bem?

Percebi que sua voz era suave, muito suave. – Estou indo comprar umas coisas. Quer ir? – ela perguntou. O sorriso também era suave.

– Vou naquela direção – aponte pra um lugar imaginário .

– Tudo bem, a gente se vê – ela estava sendo sincera.

Ela precisava apressar-se, senão perdia. Fiquei pensando o quê. Talvez a oferta, o tempo, Ou a cabeça.

Fui andando até minha casa. Já passava das cinco e eu pretendia namorar meus poemas ainda esta noite. Seria bom beijar palavra por palavra, verso por verso, depois, metê-los entre as pernas e me divertir. O vinho Faísca gelando, Orlovsky voyeur, o sumo descendo pelo pescoço. Existe melhor afrodisíaco do que combinar substantivos sobrecomuns com situações erógenas?

Sinto-me como se esperasse o apocalipse. Vou até a gaveta, faço e refaço isto e aquilo. Vou mexendo em tudo, mas não há muita coisa a ser mudada de lugar. Leio uma revista, ligo a televisão. Penso. Escrevo um poema. Penso, penso, penso.

de que mal nos enchem as ruas e seus arames?
que espécie de cor
cobre a lua de março?

Continua tudo como antes, há dez minutos atrás. Meu carpete continua sujo e farelos de pão espalhados. O mesmo espelho no banheiro, as vidraças trincadas.

de que modo vem você, pronto e com sua espada?
Onde se
esconderam os bilhetes mandados durante a semana?
que deboche se misturou ao seu sorriso
e nem temos mais noites para cartas e sinais?

A roupa suja, o método, as semanas que não passam. Amigos que encontramos sozinhos, nas ruas, uns engolindo outros, como feras e fogo e fumaça. Anéis que deslizam pelos dedos, tatuagens e olhos arregalados.

como, num dia de muitas nuvens,
você ousou escapular dos meus dedos
e deu nó em meus intestinos?

Li o poema durante a noite, sem compreendê-lo. Lembrome de uma situação um pouco parecida. Eu fazia o segundo grau e havia um professor – de química – que adorava poemas. E se orgulhava de combinar H.G Wells com Niels Bohr. Levei alguns de meus poemas para que ele olhasse. Eu tinha dezessete anos na época. Ele mirou os versos, sorridente e satisfeito de si mesmo. Festivo, fez algumas pausas, observações, e eu continuei sem entender meus poemas. Nós nos vimos mais algumas vezes, conversávamos sobre João Cabral e Ezra Pound, admirávamos as estrelas e tomávamos chope. Acabei dormindo com ele. Foi a primeira vez que dormi com um crítico literário. Não é diferente dos empalhadores de passarinho ou cirurgiões.

12

Isto é um apelo à justiça.

Talvez eu não mereça pousar meu corpo numa cama de seda nem me banhar com mel da Lituânia. Quem sabe, nem mereça gozar maravilhas da Martinica ou ver de perto o Mausoléu de Helicarnasso. Muito menos, me exaltar, suspirar de emoção. É certo, porém, que eu não deva perder o sono. Amanhã chega rápido. E o consolo vem.

Nem tudo está perdido – disse meu falecido avô, um homem engravatado e cego, na hora da morte. – Nem tudo, repetiu.

13

Meu novo amiguinho parecia um canguru. E era ruivo. Usava óculos redondos e grossos. Tinha a cabeça que lembrava um diamante. Usava um bigodinho fino que lhe dava aparência de um ator de cinema dos anos 40. Seu nome era Renato, conheci-o na casa de Babu. Renato não gostava dela, mas deliciava-se com as cervejas. Havia umas oito pessoas no apartamento de Babu, quando cheguei. Estavam todos na cozinha, sentados. As cervejas pairavam solitárias sobre uma mesa de pinho quadrada. Fui saudada com um sorriso largo de Renato. Ele parecia estar me esperando. Quando sorriu, aparentou ter uns cinquenta anos. Os dentes amarelados e sem ordem, muita nicotina exposta. As rugas puxavam os olhos pra algum lugar. Renato bebia e fumava muito. Levantava-se, ia até o banheiro, demorava um pouco, voltava e continuava a beber com o mesmo entusiasmo. Não compreendo como é que os deuses permitem que um homem beba assim.

– O que você faz? – ele perguntou, salivando num dos cantos da boca.

Eu fiquei quieta, mas apenas por um instante.

– Eu escrevo.

– Escreve o quê?

– Nada de bom comparado às cervejas.

Ele soltou um “ah” de compreensão. Nunca me dei bem com pessoas que fingiam entender minhas piadas. As cervejas acabaram. Resolveu-se que iríamos a um bar em frente ao edifício de Babu. Incrível como toda casa tem um bar em frente. Não era lá grande coisa, mas eles tinham cervejas e vendiam picles em sacolinhas. Renato encostou-se novamente:

– Fale de você!

– Tenho vinte e seis anos.

Ele ficou me olhando. Os olhos, por detrás dos óculos, estavam bem abertos. Não havia muita claridade no bar.

– Tenho câncer também. No umbigo.

Ele riu, mas foi um riso tímido, quase imperceptível. Olhei bem: sua boca era bonita. Não merecia aqueles dentes.

– Você tem cigarros?

Ele procurou o maço num dos bolsos da camisa. Achou e entregou-me. – Eu não gosto dela – disse, apontando para Babu. Apontava com gestos coordenados entre cabeça e pescoço.

– Por quê? – perguntei.

– Não gosto da maneira como trata as pessoas.

– Por que está aqui, então? Você estava na casa dela, bebendo a cerveja dela.

– Primeiro: adoro cervejas e faria qualquer sacrifício para não me ver longe delas. Segundo: eu soube que você viria e eu nunca tinha estado com uma escritora assim, tão de perto.

Ele fez com que minhas sobrancelhas se levantassem. E percebeu isso. Continuou:

– Gostei de você, Vera.

– É, acho que gostou, sim.

– Suas respostas são sempre curtas?

Ele estava ganhando terreno (seu sorriso aumentara cinco centímetros e seus dentes talvez não fosse tão amarelos).

– Eu não acho que o *Wilhelmus* seja o mais antigo hino da Europa. O que você acha?

Ele franziu a testa. Era previsível.

– E o dugongo? – emendei. – Dizem que a carne dele é tão boa quanto a carne de baleia. Talvez você prefira conversar sobre Charles Mingus ou Hsuang Tsang e suas peregrinações pela Índia.

Renato afastou-se um pouco (àquela altura ele já se acostumara à ideia de me levar para a cama), pagou sua parte da conta e foi embora. Deu-me uma olhadinha antes de descer as escadas do bar. Ele certamente me achou maluca, pensei. O que mais poderia ter pensado?

Eu não queria olhar à minha volta. Já era meia-noite ou mais e eu começara a contagem regressiva. Faltavam nove dias para que eu voltasse ao trabalho e a mesmice das férias não

descia tão bem quanto as cervejas. Resolvi ir embora também. Talvez encontrasse Renato numa esquina, fumando um cigarro. E pensando em mim.

14

Quinta-feira, doze de março. Olhei a folhinha. Havia uma japonesa com roupão cor-de-laranja olhando, procurando alguma coisa útil no meu quarto ou no meu rosto. Com os olhos que parecem peixinhos vivos, elas vasculham o que você tem de mais interior. Vão mexendo em tudo – tiram suas espinhas, dão conselhos, limpam sua cozinha. Ela parecia uma coadjuvante num filme de James Bond. Sai pela cidade, na certeza de que a japonesinha continuava lá.

15

Sempre gostei de andar por lugares onde havia fliperamas. Era divertido ver todos aqueles rapazes ouvindo suas próprias vozes, gemendo, ganindo como buldogues. Eu procurava um banco de jardim e ficava de longe, observando seus ombros retesados saltando (era uma doce dança) da camisa. E os músculos misturavam-se às máquinas e ouvia-se o grito do campeão. Era fascinante.

Num desses passeios na hora do jantar, vi Marieta escapando feliz pela rua. Estava acompanhada de um homem louro, muito alto. Marieta tinha sido minha contemporânea de colégio, costumávamos andar juntas e tínhamos os mesmos amigos. Ela foi a primeira pessoa que eu vi masturbando-se. Marieta entrou no fliperama, o louro alto comprou algumas fichas. Esfregaram-se durante um minuto, cheiraram-se, e foram para a máquina, sorrindo. O louro dava uns pulinhos esquisitos e passava-lhe a mão nos cabelos. Ela sorria, tinha que sorrir. Era a mesma Marieta, e mantinha a forma. O cabelo negro, os seios exatos de dar inveja.

Saíram e eu os segui. Iam pela rua abraçados, dava pra sentir o desodorante de alfazema que ela nunca deixara de usar. Interessante como as pessoas sempre têm companhia. Quem tem a si mesmo como companheiro de quarto é louco ou assassino. Ou os dois.

Eu não queria que Marieta me visse. Fiquei andando na outra calçada, sem me preocupar com as pessoas que provavelmente tropeçavam em mim. Eu olhava os dois namorados (eles riam, cantavam) dando à noite uma visão incomum de dança e sensualidade. O tênis sujo do louro, a camiseta amarela, o laço de fita no cabelo de Marieta, tudo era uma combinação homogênea, pura. Felizes, eles eram um verdadeiro milagre. Formavam uma dupla simples e eficaz.

O louro deixou Marieta em casa e foi embora. As mãos no bolso, o cabelo despenteado. Ele não se incomodava com o silêncio que era rapidamente triturado pela noite. Nada importava. Marieta certamente estava feliz e seria cômodo demais para mim ir até lá, bater à sua porta e pedir a fórmula secreta de como se sentir bem numa noite de tanto calor como esta. Prefери não arriscar. Fui na direção oposta. O louro assobiava uma música sentimental.

Fiquei pensando como se comportaria o mundo se não houvesse Marieta e seu Redford. Talvez ficássemos mais calmos e não haveria ninguém a quem culpar. Não sei o que me espera. Todas as meninas tinham rapazes para sorvetes, domingos e motéis. Marieta tinha o louro e eu tinha trinta mil cruzeiros no bolso. Era lama, lama grossa e, sobre ela, as pessoas aplaudiam. Seria menos divertido – sádico até – verificar que todas as garotas do colégio estavam hoje levantando suas saias nas esquinas mal iluminadas da cidade. E talvez nem tivessem vocação para isso. Senti meu estômago embrulhar. Marieta, nunca mais.

16

Liguei para Sônia:

– Sônia?

Havia barulho de gente conversando e copos.

– Vera?

– Eu mesma.

– Onde você está?

– Olhe pela janela.

– Espere um minuto.

Ela foi até a janela e lá estava eu – roupas amarelo-claras e olheiras esverdeadas. Uma saudação à bandeira.

– Suba! – gritou. Sorria cautelosa.

– Quem está aí?

– O pessoal todo e mais alguns que você ainda não conhece. Estamos com cervejas e eu consertei o vídeo. Vamos ver um filme do Elia Kazan.

– Quero nomes.

– Babu, Rubinho, Renato, um monte de gente.

– Você não muda de povo? Até os ditadores mudam de povo. Eles só querem te chupar o sangue, não percebe?

– O que há, Vera?

– Eu não quero presenciar um papo entre o Colosso de Rhodes e um marsupial.

– Você endoidou?

(Talvez sim, talvez não. Coisa de semanas ou minutos.)

– Você fica ou vem comigo?

– Não vou discutir isso pela janela.

– Mais um motivo pra você descer.

Ela largou-se da janela. Um instante depois, Renato olhou lá de cima e me cumprimentou com a cabeça. Estava mais feio que uma elefantíase. Sônia inventará uma mentira convincente, pensei.

Esperei.

Passaram-se dez minutos.

Ela havia ficado.

Eles haviam vencido.

Fui embora.

17

Fiquei vagando pela cidade. Aguentar as pessoas indo e voltando era um chute na virilha. Sempre a mesma coisa, todos os dias. Os mesmos retoques incansáveis, as mesmas asneiras ditas do outro lado da avenida. Eu caminhava de cabeça baixa (não era meu costume), uma timidez que me tomara de assalto, inteira, recente, com dores na coluna e lembranças passageiras.

em que ônibus vieram esses passageiros que tom-
bam nus,
as faces amarelas, os cigarros pingando nos lábios?

Insetos que voam pela cidade, redemoinhos, magia, socos, paralelepípedos. E eu, cobra-rainha inofensiva, tragicamente não identificada. Continuei rondando sozinha e a cidade continuava exibindo seus grandes seios de concreto, seus monumentos e seus metais.

grandes olhos de leoa e cimento,
quem ouvirá seu grito no escuro,
seu passo pesado e triste?

Fui até uma lanchonete. Sentei-me. Havia pessoas em todos os lugares. Pedi um suco de laranja e um cachorro-quente. As pessoas não pareciam interessantes, estavam um pouco alteradas. Eu me sentia como se estivesse sentada bem à frente delas e elas eram uma só pessoa e tinham apenas duas pernas e dois braços e apenas uma cabeça. Olhavam para mim como se eu detivesse os segredos que incriminariam o planeta. Eu não sorria, não me comprometia mesmo. Talvez eles perguntassem meu nome. Eu diria, Virginia Woolf ou Rainha Vitória. Seria Rita, Maria de Lourdes ou Heloísa. Eu levantava os olhos e tornava a baixá-los, num ritual sutil e extravagante. Comi o cachorro-quente e bebi todo o suco de laranja. Depois acendi um cigarro. Eles provavelmente diriam que eu não era educada e eu responderia que ninguém é. E eu teria que dizer meu nome (o meu fracasso se estamparia com bolinhas verdes, suor e to-

dos os dentes) e que eu tinha vinte e seis anos, secretária etc. Eles nunca me concederiam medalhas de mérito e nem me tornariam uma menina de dezenove anos, capaz de desenterrar todos os defuntos. Eu teria um namorado bem comportado que me levava flores e bombons, todas as sextas. Olhávamos passarinhos e assistíamos a um filme num cinema. Eles procurariam não me incomodar e isso era ótimo.

quem recusou meu retrato sobre a mesa
e sumiu, levando meus súditos, meus cavalos?
quem rosnou sozinho sobre a cama
e me perdoou por equivocar-me com
o calendário?

As pessoas continuavam mudas sobre suas cadeiras e com suas garrafas. Eu talvez conversasse com elas sobre qualquer assunto e sorveríamos uma excelente bebida vermelha e experimentaríamos queijos de diferentes cores e gostos.

Levantei-me, estiquei minha longa saia (ia até os joelhos) e fui em direção ao caixa. Paguei e saí sem olhar para trás.

18

Faltavam quatro dias para que eu estivesse novamente às voltas com o meu patrão, minha mesa e meus papéis. Vi um

monte de gente esperando o ônibus, os semáforos atrapalhando o fim-de-semana. A rua era uma tela muito mal pintada e seus cantos mostravam mofo. Eu fui andando na direção oposta a que todos iam. Não havia brilho no céu. Até minha casa eram poucos minutos e eles não passavam. Acendi um cigarro, outro (as mulheres não gostam de fumar na rua) e fui caminhando solitária. Fui pensando nas pessoas. Se eu quisesse – havia motivos para náusea – poderia vomitar. Eu chegaria em casa, a japonesa estaria lá, os móveis nos seus devidos lugares, as paredes sem se mover. O meu colchão estaria frio e meus livros cheios de naftalina. Meus amigos no outro extremo da cidade, beijando-se, cantando, grunhindo. E eu continuava na mesma, o mesmo peso e altura, a mesma garrafa de martini. Então, eu escreveria poemas encharcados de vibrações e sonoridade, colocaria a minha roupa mais íntima e esperaria o tempo me corroer.

DIGA ADEUS A LORNA LOVE

Estamos numa geleira, numa montanha ou num palácio. Num espaço onde há vários palcos de terra plana, branca ou verde. A temperatura se mantém estável, nossas cabeças 300 rpm e nossas peles azuis de frio ou brancas de leite. Eu visto uma camisa estampada, várias posições do Elvis, girassóis e serpentes voadoras. O cabelo bem penteado e o rosto sem espinhas. Você, absoluta rainha, expõe estrelas onde deveriam estar os olhos, e as sobrancelhas são finas.

Muito bem. Começemos.

1

Descemos a escada.

Imagine uma escada limpa, mármore e brilho. Imagine um espelho enorme, onde não caiba apenas sua estatura, mas também seus espasmos e sua esperança de retornar. Lembre-se,

você mora numa casa onde predominam jardins e quartos do século dezoito. Lá estão suas irmãs e seu cão, suas roupas e seus objetos íntimos. Imagine que você não voltará e que as pessoas estarão esquecidas em pouco tempo e que nem mais conversarão sobre você durante o jantar de fim de ano. Imagine que seu cão se ocupará com gatos, pulgas, e com sua própria insignificância. Talvez nem ele mesmo se lembre do seu nome.

Estamos no último degrau. Nas paredes, olhos que se fecham e se abrem. Mas você não perde a classe; nem por um instante assume a postura de receio (lágrimas e suor); você não demonstra o mínimo pavor. Seu queixo movimentase calmo, vivo, enquanto eu repouso sutil meu olhar nos seus quadris, nas suas pernas ou em qualquer outro lugar secreto. Você não olha para mim. Mais tarde, talvez, nossos olhos se encontrem e então haverá um rápido diálogo.

Ou talvez nem isso aconteça.

2

Assim, Clarita, dessa maneira, ritmo, ritmo, passos cadenciados e a mão no longo cabelo vermelho. Sua língua deve molhar os lábios, como nas velhas fitas.

Correto, Helena. Será uma noite inesquecível, uma noite gloriosa, com baladas clássicas e cores.

Ótimo, Suzana, ótimo. Você pisca seus minúsculos olhos e está insinuantemente quieta, à espera de coisas que não acontecem.

Estamos numa sala.

Vemos apenas o espaço vazio. Uma sala enorme, onde poderia muito bem haver uma festa ou uma orgia. Silêncio, muito silêncio, só o barulho dos nossos passos. Você se desprende de mim e ruma para a parede mais próxima, pois aprecia a cor branca. É natural – paz, paz, paz. Você volta o rosto para mim. Digo que ainda não é hora de conversamos sobre assuntos triviais, sobre política, música ou sobre o que viemos fazer aqui. Não, eu não responderei ainda e você saberá o motivo.

3

A sala continua vazia.

Você faz pose de Mia Farrow. Eu sou Cary Grant ou Mr. Bogart. Acendo um cigarro, meus olhos se abaixam. O clima secreto, os seus braços cruzados, você encostada na parede. Eu fumo todo o cigarro sem que você se mova ou sorria. Você é dura.

Você se lembra quando sentávamos num bar e conversávamos então sobre cinema e inverno. Você se lembra (seu movimento de abrir e fechar os olhos trai você mesma), sim, você nunca se esqueceu de quando estávamos absolutamente sem

dinheiro, você hospedada aqui mesmo nesta sala, óculos escuros e cabelos sem lavar. Nós empilhávamos as horas, os minutos, as gotas que caíam do chuveiro, as baratas, os cachorros que desfilavam pela rua. Contávamos os dias, os assaltos, as cartas do baralho já encardido e sem uso.

Sim, Marina, você não se esqueceu e faz pose de quem pouco se importa.

Continuamos na sala.

Já passa das onze e ninguém nos interrompe, ninguém procura por nós. Ninguém ouve ou supõe nossos corpos frente a frente, imóveis e absorvidos.

4

Nós nos sentamos no chão.

Estamos sozinhos, ao que parece. Nunca estivemos tão perto, tão tranquilamente radiantes com o que possa acontecer. Você me despreza, você tem que lastimar muito estar aqui a sós comigo para que estejamos prontos e para que eu não me arrependa. Você me dá motivos, isso, me dê motivos para que eu me recorde das cenas passadas aqui nesta sala. Me dê motivos para que eu continue solidamente certo de que você me reduz à poeira.

Continue, Márcia, continue assim. Me dê socos na boca do estômago. Atinja meu crânio com seu sapato alto. Cuspa em

mim, ria do meu jeito esquisito de andar e de minhas pernas sem pelo.

Isso, Catarina, diga que devo me afogar e que preciso de um psiquiatra. Diga que tenho mau hálito, dentes podres e nariz torto. Diga que homem da minha espécie não presta nem para ouvir seu arrote.

Diga tudo, Selma. Mas, por favor, me dê razão de sobra para que eu não falhe.

5

A mesma sala.

Gosto desse ambiente e sei que você aprecia essa repetição de cenários. Escolha seu nome e eu escolherei seu papel. Pode apelidar-se a si mesma, não me oponho. Eu me levanto e ando em círculos durante alguns minutos. Você tem que me observar dando mínima importância. Exatamente, eu não me importo, não passo de um coadjuvante que divide a cena com você.

Você tenta se levantar e fazer o mesmo. Não deixo, dizendo que esse não é seu papel, que você não deve fazer o mesmo. Apenas os seus olhos devem estar em movimento.

Claro, Viviane, claro que você pode fumar um cigarro, você tem tempo. Veja, são duas da manhã, temos o tempo do mundo. Não dizem assim os artistas apaixonados?

6

Recosto-me na parede branca.

Será um belo começo de dia, Ruth. Brevemente você estará sobrevoando um oceano ou mergulhará num imenso fosso azul. Tudo estará escuro, você não conseguirá enxergar suas próprias mãos. Você (talvez a primeira vez) sentirá o azedo do seu suor.

Não reclame, Ananka, não reclame. Nem finja que chora essas lágrimas transparentes de despedida. Não haverá dor para que você sinta. Você vai se acostumar, é uma promessa. Você tem duas horas, ou um pouco mais que isso, para se despedir de si mesma. Vamos, diga adeus, diga adeus, jovem princesa. Não mande recados porque sua correspondência está bloqueada. Não mande beijos aos amigos. Você corre o risco de que eu os receba. Uma outra promessa – ninguém levará flores, ninguém perceberá os pedaços que faltam.

Quer outro cigarro?

7

Ainda a sala branca.

A mesma camisa, Elvis, girassóis e serpentes voadoras. Meu mesmo jeito insensível (ou seria sensível, Lorna?), capaz

de, após tudo o que seguirá, limpar cuidadosamente o sangue de suas roupas, de seu rosto, de seu corpo e da imperturbável sala branca.

UM GRÃO DE AREIA NO SAARA

Como éramos naquele tempo?

A cidade ainda não se modificara, havia praças e parques, brinquedos. Ficávamos vislumbrando as rodas voadoras e comíamos algodão doce que parecia pedaços de nuvem. Éramos jovens ainda – eu, quinze, e você, dezoito. Você, de cor branca e viva, cachos de cabelo amarelo que vinham até a clavícula, cheiro de colônia, rosto fino, olhos amendoados e verdes. Eu era sadia e rosada nas bochechas. Dentes brancos.

Onde nos conhecemos?

Numa praia, num bar, numa rua, no colégio. Você era novo na cidade, seus olhos sempre assustados, você mordida sempre seu lábio inferior. Agora me lembro bem – acho que no pátio da escola. Ou em outro lugar, me perdoe. Lembro da música-rock

e cores e fogos no céu negro da cidade. Você me perguntou o nome e eu fiz alguns sorrisos, mas minha respiração falhava. Fomos andando e pousamos numa lanchonete onde havia sanduíches e refrigerantes. Eu, esquecida dos meus quinze anos, convidei-o a sentar e então conversamos um pouco. Misturávamos os mistérios, foi isso. Conversamos sobre tudo que se devia conversar e você não mostrou decepção. Era recíproco. Ficávamos, ambos, num jogo íntimo de vai-não-vai, um jogo no qual não concedíamos devaneios um ao outro, espero que se lembre. Correu tudo muito bem, é verdade. E você acreditou em mim.

Houve um primeiro beijo, certo?

Sim. Numa rua cheia de flores. Ainda não andávamos de mãos dadas, mas nos víamos a todo instante, você me dizia isso, não sei se mentira ou desculpa. O primeiro beijo veio depois de um arrepio e um espasmo. Sua mão foi até o meu pescoço, puxou-me como numa cena repetidamente cinematográfica, uma atriz estreante e um galã de olhos claros. Sua boca era macia e tinha gosto de maçã, um azedo especial. Foi um beijo longo, de línguas úmidas.

E então continuamos?

Nós nos tornamos maníacos. E nos víamos em todos os lugares, mesmo os mais cheios de sombras, os proibidos. Bares, festas, casas mal-assombradas. Agora, distante, posso perceber como foi útil essa rotina de encontros atrapalhados. Seu corpo latejava a todo minuto. Eu desconfiava e me divertia com isso.

Mas não fui deselegante com você, quer dizer, mal educado, fui?

Pelo contrário. Esperou pacientemente até que eu abrisse a blusa. Eu já com dezesseis anos, ancas desenvolvidas. Você e seus pelos no peito, seu coração dando saltos de alegria. Ou surpresa. Estávamos num descampado onde existiam insetos e bois. Sempre ficávamos lá, não importavam os ruídos que vinham da grande casa. As minhas dúvidas acabaram, seus fantasmas estavam em forma de pequenos seres que nos protegiam. Você era mais que um homem. Era um espelho. Um espelho liso e eu me via nele. Nossas pernas se equilibravam combinando numa melodia estranha. Não nos falamos. Apenas engolimos um ao outro.

E continuávamos assim, dessa maneira?

Quase sempre. Nós inventávamos situações. Eu encontrava sempre uma forma sutil de ficarmos sozinhos e então ficávamos. Você compreendia muito bem, gostava muito, mas tinha medo. Talvez estranhasse um pouco, mas se acostumava e ia tudo bem, corria normal.

E depois?

Bem, o tempo passou e entramos no segundo turno do campeonato. Você começou a fumar e eu também. Mas continuávamos tranquilos, quietos. Havia barulho dentro de nós, mas não incomodava.

Nós nos separamos?

Não nos separamos. Por que haveríamos de? Você precisa compreender – nós nem murchar murchamos. Só estávamos atentos a outras coisas acontecidas ao nosso redor. Outras portas, outras alegrias. Não, não nos separamos. Isso seria uma atitude séria, rebelde. Continuamos a cometer os mesmos truques, mas com significados diferentes. Uma série de rabiscos em nós mesmos, isso começou a aparecer, isso sim. Alguns gritos recortando a madrugada, fumaça e psicose. Você começou a não cumprir as suas promessas e esqueceu-se das regras.

E sobre o casamento?

Ah, o casamento. Ele ia muito bem. Carne e cafés, sábado e domingo, cama acolchoada, perfumes, muito trabalho, códigos e braços. Ficávamos boa parte do tempo fora de casa e, quando chegávamos, eram beijos voando e sendo rebatidos pelas paredes. Eram carícias que se misturavam solenemente ao cheiro de jacarandá do nosso quarto. Não tínhamos problemas com as coisas simples. Menos ainda com as coisas mais sem sentido, praticamente incompreensíveis. Meu bem, concorriamos com o mais feliz dos casais das já roídas fitas da Columbia Pictures. Astros e estrelas em nossa cama. A porta batia tarde da noite ou o hálito de maçã se perdia na profusão do sono. Você costumava chegar cansado, lembra? Havia cáries em seus dentes e acho que também nos meus. Olhos semifechados, o cigarro na boca, naufragado. Eu ficava com uma toalha no corpo, esperando que a porta se abrisse e você viesse disposto até a beber-me o sangue.

Houve fracasso. Como você explica?

Não houve fracasso. Só estávamos gastos, exaustos. Coisa que acontece com toda gente, sim? Cenas estranhas, como levantar-me mais cedo e começar a fumar num dos degraus da escada. Ou você tomar um banho de quarenta minutos. Não

houve fracasso. Houve talvez um equívoco sobre o que acontecia e isso é comum, já disse.

Mas você não se esforçou para que isso mudasse, não?

Nós nos modificamos e isso já é sintoma de esforço. Tentamos, mais de uma vez, estar sentados sobre nossas almofadas, tentamos concluir sobre banalidades. Deu certo, muito certo. Não vou reivindicar para mim o primeiro vestígio de esforço. Não foi esforço único, não houve apenas uma culpa. Não tivemos tempo – não muito – para refazermos nossas contas ou recriarmos nossa estratégia.

E como nos comportamos diante do problema?

Não sei se era problema. Talvez você prefira assim chamar, não o censuro. Não acho o termo adequado. *Situação* é melhor. Eu diariamente rezava e escancarava um riso que faria derreter o mais carrancudo dos homens. Você talvez tenha feito o mesmo, não me lembro. Mas não somente sorriamos. Fazíamos as mesmas coisas – íamos ao teatro, ao cinema, à praia etc. Varriamos nossa melancolia momentaneamente. Os nossos amigos continuavam os mesmos. Bebíamos, comíamos, limpávamos a casa, as lâmpadas, as janelas.

Ficamos nisso durante quanto tempo?

Quase três anos. Eu já estava com vinte e você beirava os vinte e quatro. Não tivemos filho porque não queríamos nossa patente copiada, certo? O gosto na sua boca começou a voltar e você estava sempre barbeado. Você não falhava, eu sei. Eu mudei também: Meu cabelo crescera muito e tomava boa parte das minhas costas. Você gostava. Ou fingia, pelo menos. As semanas cheias de dias de sol, cheias de pessoas e carros. Você engordou um pouco e eu também. Combinávamos sempre. Três anos e mais alguma coisa, eu acho. É, foi isso sim. Não tínhamos muito dinheiro, não visitávamos nossos parentes, nada disso. Os meus traços se tornaram opacos, percebiam pouca coisa além do calendário virando as páginas.

Eu deixei de ser elegante com você?

Não exatamente. Não, não era isso. Às vezes me trazia flores e biscoitos. Tentava transmitir a mesma ardência quando me abraçava ou quando se levantava para ir ao banheiro, antes tocando de leve meus lábios. Era vício, mas bom. Seus modos era prudentes e eu aprendera a conviver com eles, apesar de querer você um pouco mais irresponsável. Sempre achei que você deveria imitar um pirata, um assaltante. É provável que você me queira uma Vênus de cera, os braços presos, invariavelmente disposta a abraçá-lo.

E seus gestos, seu comportamento em geral?

Não há muito o que dizer. Não mantive meus sonhos e minha convicção. Era só isso e então muitas coisas eram geradas a partir daí. Nossas tristezas resumiam-se em olhar um para o outro, quintal e orgasmos. Múmias morenas e brancas andando por nossa sala, de uma certa forma cúmplices de nossos momentos. Não era apenas mania minha. Tínhamos isso em comum também.

Não podemos atribuir a culpa a nenhum dos dois?

É arriscado admitir que um dos dois – apenas um – é culpado. Seria mais coerente admitir que não compusemos na mesma escala. Enquanto você se esforçava num ritmo, eu desafiava com meu violoncelo de múltiplas cordas.

Você concorda que fiz o possível?

Não há dúvidas. Sei que isso o tranquiliza, e eu estou sendo sincera, você sabe. Você cumpriu com sua seriedade. Aliás, era coisa que me importunava quando dava certa hora da noite. Meticuloso, importava-se com detalhes desinteressantes, como um grão de areia no Saara.

Como aconteceu, quer dizer, como tudo terminou?

Bem, era réveillon, mais de cem pessoas, canapés, mesas e sofisticação. Você, engomado em seu traje de domingo – gravata borboleta, cabelo penteado nas bordas onde não havia mais cachos, você se lembra? Eu estava vestida de vermelho, moda na época. Os nossos amigos estavam entretidos com uma festa que apenas começara e seus braços estavam tremendo, não sei o motivo. Eu estive esperando pelo último dia e ele chegara de mansinho, arrastando-se, para que eu me certificasse bem do que queria. Não havia mais tempo, minha decisão estava tomada. Você, com olhos de criança, como se esperasse acontecer alguma coisa importante. Conto o que me lembro da cena – já havia bebido muito champanhe –, mas a responsabilidade era a mesma de agora, você compreende. Não esperei muito até estar perto de você, minhas mãos formigando e meus dentes cerrados. Chamei-o, e então fomos até o outro lado da casa (um palácio grande, cheio de anões insignificantes e princesinhas com barrigas imensas de vento e bocas de onde só saíam cochichos). Você estava um perfeito cavalheiro, seus sapatos brilhavam e seu cinto também.

E nos vimos mais uma única vez, certo?

Certo. Nós nos separamos naquele momento e as pessoas não desconfiaram. Nos olhamos pela última vez, seu rosto estava calmo, você andava leve, me olhava dentro dos olhos. Havia certeza e comodismo naquele olhar. Estávamos sozinhos – árvores, estátuas e uma piscina de água verde. Algumas sílabas, algumas pausas. Meu amado, sempre economizamos para uma pizza e para remédios. Nunca fomos tão felizes, você há de concordar comigo. Você sempre concordou (sua boca aberta, suspense e mediocridade). Amor meu, nós nos enviamos bilhetes e brincamos na areia do deserto; nunca desviamos nossos interesses para jogos fora de ordem. Não, meu bem, assim será melhor. O perdão é o único costume que atravessou os séculos sem encardir, gastar. Meu objetivo agora é me domesticar. Você ficará feliz, sorridente e atlético. Não sentirá mais dores no fígado(ou pâncreas?), não terá mais problemas com cheques sem fundo.

Do outro lado da casa ninguém ouviu o barulho surdo do seu corpo baleado, um tiro só, lembra-se? E um jorro de sangue rapidamente estancado sobre a grama. Voltei para as pessoas que continuavam absorvidas pela passagem do tempo. Era quase meia-noite e tudo estava bem. Não, meu anjo, não me culpe por eu ter acordado mais calma no primeiro dia do ano.

2ª PARTE

Vivo e salvo: como se me bastasse.

Campos de Carvalho

MEET ME IN ST. LOUIS

É uma noite calma, com gim e cigarros. Ele é um desses poucos homens de quem pouco se sabe. Trancado em seu apartamento, ele se movimenta despreocupado. Se há pessoas na rua, se estamos no século vinte, não importa – ele se modifica o mesmo (e também diferente), ignorando telefonemas e a antiga namorada. Fitando o gelo que boia suave no copo, ele quase não pensa. Apenas prevê que algo muito inútil vai acontecer.

Uma mosca cruza a sala com seu voo. Volta-se para apanhar mais gelo (no caminho, aproveita para ligar o toca-discos). Qualquer música tem o som de um inseto voando ou de um edifício implodido. É mínima a diferença. Flutua mais uma vez, observando o gelo. Agora ele é sólido e transparente.

É uma noite calma (alguns cigarros, meia garrafa de gim e um ensaio de sorriso sem saber bem por quê). Talvez seja preci-

so sair à rua, cumprimentar os amigos e ler os jornais. Aparentemente ele é um homem tranquilo, de olhos quase fechados. Se falasse, ouviria sua voz um pouco rouca de cigarro, lenta, muito lenta. Trata-se de um caso comum de estar solitário, diria o analista que nunca viu seu rosto nem verá.

Ele se levanta, vai até a janela e vislumbra a cidade amarela de sol. Mães levando filhos à praia, carros decorando a avenida, silhuetas fardadas, paletós ingleses, ônibus cheios de gente. Tudo dá uma vontade enorme de explodir.

E ele explode.

SEIS ETAPAS DE MAIO

Um rapaz ouve *'Round Midnight* no aparelho de som. Último volume, últimas horas. Apenas morcegos, murmura. Aos sábados somos amigos de Batman. O som do sax fazendo tremer as paredes do quarto. Entre masturbação, vodka e LSD, ele acompanha a fita:

uma criança nua sopra o pistom. *Take Five* desenvolvido com crueldade até que o som se concentre num vidro de remédio. A moça se aproxima lânguida, verde, e com quadris de Greta Garbo

THE END

Ataca de *St. Louis Blues* para reanimar. Acordará no outro dia, com a vingança no bolso, engatilhada, e uma inadiável dor de cabeça.

Um automóvel cruza uma rua qualquer de uma cidade. Um homem sentado ao volante, e a seu lado uma mulher sorridente. Atrás, bem comportadas, estão três crianças.

Vêm não se sabe de onde, sem destino, comentando sobre paisagens, coqueiros e praias coloridas. Um sotaque diferente, comum aos cinco. O homem, muito gordo e com a camisa aberta, solta baforadas de um charuto importado. A mulher olha suas unhas, o esmalte sofrido, mas ainda vermelho. As crianças inventam algumas brincadeiras no espaço pequeno do mundo sobre rodas, não se sabe se voltam para casa.

Mais tarde, apenas os pais foram identificados pelos documentos. O carro tombou antes da próxima aventura.

Seis meninas brincam no pátio da escola. Entre horóscopos e cartas de namorados, elas aproveitam o horário do recreio para um instante – queimar escorpiões. Há muitos escorpiões na escola. Depois, o professor entra em sala (criminoso, alto, gramático) e observa as coxas e peles azuladas das meninas que começam a crescer. Carmen têm as coxas mais bonitas da classe. As coxas mais redondas da escola.

Carmen Clara Lúcia Marta Sofia Sônia

Especialistas em professores e escorpiões. Tudo mais parece um faroeste contemporâneo e sem mocinho.

O sol. O sol quinze anos na mesma – sempre arregaçando as suas mangas aos domingos, pensa um homem comum de um mundo comum. Detesto domingos e amo as quartas-feiras. O sol fica cor-de-rosa se quisermos que fique, e por muito tempo. Imagina-se, então, desenhista, centenas de projetos e cores. Desenha-se nu, roxo e sem pelos, pensando na mulher que não voltou sem nunca ter ido. As mulheres (faltam-lhes o cheiro forte das águas e as mãos delicadas). Olha-se no desenho mais uma vez. O sol é o abismo terrível, é um besouro no umbigo. Chora, e desmaia sobre o próprio corpo desenhado.

Eles estão como um casal que gasta um dia de folga. Como se conheceram não importa.

Ela: um casal deve ter sonhos em comum.

Ele: Mirian é um bom nome para menina.

Ela: você quer menina ou menino?

Ele: eu queria ter um carro esporte vermelho.

Ela: eu queria ser amante de Deus.

Ele: tenha paciência, espere um pouco.

Ela: me dá fome quando vou pra cama.

Ele: meia-noite já é hora.

Ela: um minuto só, senão os vizinhos acordam.

Ele: se der tempo, prepare um café.

Ela: seus olhos brilham como os de um gato.

Ele: sou mágico.

Ela: joga uma segunda pedra.

Ele: não!

Ela: você não me entende.

Ele: é sempre a mesma coincidência?

Ela: não se desespere.

Ele: meu signo é o da solidão.

Ela: o meu é do fogo.

Ele: chega mais pra lá.

Ela: fomos feitos realmente um para o outro?

Ele: que horas?

Ela: quatro da manhã.

Ele: boa-noite.

Ela: boa-noite.

Etc.

QUANDO CHORAMOS

Então brincávamos na grama como dois gafanhotos. Você ainda uma menina, os ombros murchos, mil pétalas sobre o cabelo. Lembra quando sobrava tempo pra uma cocada? Ou quando vigiávamos o mar, as ondas gemendo durante a noite? E o casal de namorados saboreando-se? Lembra quando íamos estudar geografia? Você inventando um lugarzinho bem no coração dos Alpes.

Então sua mãe chamou pro almoço e você não voltou mais.

DESESPERO E HIPÓTESES DE JOANA HEAD

Uma boa história deve começar como um bom filme. Isso significa que deve constar de bons cenários, truques, diversões, símbolos, e um analista. Em minha historia meu analista ocupa trinta por cento do tempo, o que equivale exatamente a seis anos e três meses. Também há outros personagens, como homens, mulheres, crianças, vítimas culpadas e vítimas inocentes. Algumas delas têm nome; outras são apenas vestígios de carne e cera.

Meu analista é agressivo. É a coisa mais fácil do mundo concluir que ele é agressivo. Posso afirmar que em lugar do cérebro ele tem uma fruta, e que, mais cedo ou mais tarde, vai encontrar um Guilherme Tell razoavelmente disposto a lhe estourar os miolos. Gosta de conversar sobre música, mas seu

passatempo favorito é citar Eurípedes. Sempre que nos encontramos ele cita Eurípedes, não sei a razão. Sinto que no fundo ele sente medo de mim, já que sei mais sobre ele e sobre sua profissão do que ele próprio imagina. Ele coleciona peixes tropicais de 15 centímetros em aquários retangulares. Ouve Paganini constantemente, principalmente na hora do almoço, e seu prato favorito é almôndegas ao molho azul. Já tentou ser alpinista e ator, mas não deu certo. Desconheço os motivos.

Não acordei ainda. Escuto os movimentos compassados do Pomo de Adão de Luca, como se ele estivesse ainda a meu lado, despido e fumando. É um aspirante a tenor de ópera, e passa oito horas trabalhando como subgerente numa companhia sabe Deus o nome. Possui belos bíceps. Possui um nariz quebrado, vítima de uma queda aos 12 anos, que lhe proporcionou também uma inchação no ombro esquerdo. Hoje ele está com vinte e oito anos e a inchação com dezesseis.

Não comemoramos nada especial ontem. Talvez porque não houvesse nada especial a comemorar, ou coisa assim. Conheço um casal que vive inventando datas especiais disso e daquilo.

Comemoram tudo que acontece, seja aqui ou em qualquer outra parte do mundo. Seja com eles ou com uma tribo indígena do Quênia.

Disseram-me que era a receita infalível para o casamento. Caso contrário um dos dois acabava jantando pólvora.

Meus pais são loucos. Ou pelo menos penso que são. Minha mãe (a quem chamo Julieta) nesse momento deve estar usufruindo de sua banheira de espuma, fingindo ser Cleópatra. Meu pai (um óbvio Romeu) está às voltas com misticismo, sabás, epidemias satânicas, coisas assim, sua área de interesse. Foram feitos um para o outro, têm a mesma idade e vão morrer nos próximos anos, quando misturarem pólvora ao suco de tomate. Eles têm um filho chamado Gaston, que é meu irmão e tem seis anos a menos que eu. É bonito. Gaston e eu nos tornamos amigos quando nossa tia-avó morreu vítima de eletrocução. Estava com setenta e dois anos. Seu sonho era ter sido hippie.

Luca é um pouco parecido com meu pai, da cintura para cima. Meu pai também tem o nariz quebrado. Minha mãe golpeou-o certa vez com o escovão de lavar as costas. Ele caiu desmaiado.

Luca aparece com duas garrafas de vinho: uma para ele e outra para mim. Moro num apartamento grande e bem dividido. Herança de minha tia-avó.

Depois de duas garrafas de vinho, nós vamos para a cama. Sempre acaba bem, e Luca fica ofegante feito um gladiador. Tudo pode ser classificado como emocionante.

Tomamos banho juntos. Há muito espaço no banheiro. Ficamos ouvindo Frank Zappa, e rimos juntos de alguns momentos que passamos sozinhos, ao som da mesma música. É um lance legal esse de ficar embaixo do chuveiro, invocando os anjos da memória.

Meu analista me induziu a confessar que eu não tinha amigas. Foi mais além: me fez dizer que eu precisava de algumas, usando de todos os truques e teorias moralistas que aprendera em congressos de psicanálise. Estava consciente de que me convencera a procurar pessoas do mesmo sexo. Estava certo de que conseguira. Então, levantei-me, silenciosa, e caminhei em direção à janela. Ele soltou um pequeno sorriso de objetivo alcançado. Ele nunca soube que naquele momento eu pensava em algas marinhas.

Seu nome é Leo Grumm. Não sei de onde veio, nunca perguntei.

Meu nome é Joana Head. Sei de onde vim. Uma família de origem inglesa, mas com razoáveis misturas de sangue. Meu bisavô era norte-americano de Iowa. Sua mulher, minha bisavó, quando solteira, chamava-se Cynthia Livock, de origem polonesa. Meu avô, seu filho, nasceu no Brasil, assim como suas irmãs, tias do meu pai (Romeu). Minha mãe (Julieta), segundo ela própria, é herdeira de pacíficos corsos.

Conheço minha família. É bom saber de onde viemos.

Quero ser cineasta, mas sou suficientemente estrábica para desistir. Quero ser pintora, mulher de negócios ou entrar para a política. Vagueio pela faculdade. Faço curso de Letras na Universidade Federal. Ainda prefiro ouvir Frank Zappa a estudar a etimologia do vocábulo *conhaque*. Mantenho-me viva porque meu pai (Romeu) investe bastante dinheiro para que eu me mantenha distante. É um cara legal.

Luca chegou e trouxe sua inchação de dezesseis anos. Dessa vez não trouxe garrafas de vinho, nem nada que se pare-

cesse com uma coisa agradável. Sentou-se perto da estante, ligou a FM. Estava irritado. Grunhiu, levantou-se e me beijou. Procurou alguma coisa nos bolsos mas só achou um convite para a *Confraternização entre Jovens com Cristo*. Naturalmente, amassou-o.

Eu gostava de ouvir a sua voz. Procurei conversar alguma idiotice, mas não deu certo. Perguntei-lhe se havia problemas e ele simplesmente moveu seu braço esquerdo, com a nítida intenção de evitar dores em seu ombro. Parecia um urso de gravata frouxa e camisa de manga comprida. Tirou as meias e os sapatos. Logo depois, levantou-se e mais uma vez me beijou. E então voltou pra FM.

Meu analista estava procurando camisas em uma das lojas do centro da cidade. Belisquei-o e saí correndo.

Meu pai (Romeu) e minha mãe (Julieta) estavam sentados em suas poltronas. Cada um tem a sua. Gaston também tem uma. Eu tinha uma, mas não sei que fim deram a ela. Eles estavam sentados quando cheguei. Eu tinha ido buscar a minha mesada. Meu pai (Romeu) ainda não havia comido pólvora.

Nem minha mãe (Julieta). Aliás, eu torcia para que meu pai (Romeu) não ingerisse pólvora até que eu estivesse num asilo. Não queria que ele se matasse.

Palavra de honra.

Estavam sentados e sorriam. Gaston veio e me concedeu um abraço perfeito. Ele possuía grandes braços, que lhe vinham até os joelhos e proporcionavam um aconchego delicioso. Depois de me abraçar, ele me olhou nos olhos. Abriu a boca e disse algumas palavras. Tinha voz grave, uma voz que Luca gostaria de ter, e sabia dizer coisas interessantes e na hora certa. Seria profeta se quisesse.

Minha mãe (Julieta) também se aproximou, aproveitando para dizer que meus cabelos estavam muito longos e que eu possuía pelo menos uma dúzia de jeans novos, mas que não usava, e assim por diante. Perguntei como ia a família. Nessa hora ela soltou a gargalhada mais estranha que já ouvi. Estava irremediavelmente doida. Meu pai (Romeu) riu dela. Gaston riu dela.

Peguei meu cheque e recusei o almoço. Não devia ter recusado. Se há alguma coisa que minha mãe (Julieta) sabe fazer, essa coisa é cozinhar. Doutorou-se em fogão, passando trinta dos seus quarenta e um anos entre maioneses, sopas e doces.

Parece meio careta, mas não fugíamos disso: amor. Um substantivo um bocado forte e de antecedentes perigosos, mas era realmente isso que acontecia. Algumas pessoas amam suas tarefas, suas casas, seus carros, seus instrumentos. Há outras que, como eu, amam outras pessoas. Tentamos de todas as maneiras encontrar um substantivo equivalente, mas não conseguimos. Somos vítimas permanentes dos eufemismos.

Não posso deixar de lado meu curso de Letras.

Meu analista disse que há alguma coisa mal resolvida dentro de mim. E que essa coisa se move e se alimenta de uma outra coisa sem solução. Ele fica dando voltas em torno de mim. Ele sempre anda quando visto minissaias. Seus olhos caminham a anos-luz.

Meu pai (Romeu) e minha mãe (Julieta) viajaram. Detiveram-se por muito tempo na cidade e agora gozavam da imbecilidade dos tijolos gregos. Mandaram-me uma carta dizendo que partiriam em um Boeing 737 com destino à Europa.

Deixaram Gaston com uma outra tia minha: Vilma (a estranha)¹. Até onde sei, Gaston se masturba frequentemente pensando nela. É uma mulher bonita.

Além de solteira, trinta e quatro anos e nenhuma estria, ela é desesperadamente louca por adolescentes.

Tínhamos acabado de acordar. Luca acendeu um cigarro, encostou-se no travesseiro e ensaiou uma história estranha, onde ele era o personagem principal e a cidade uma enzima infinita, capaz de dissolver o alimento que ele era. Ficou uns cinco minutos tentando me convencer de que tudo estava errado, tanto com ele quanto comigo. Ele era a única pessoa capaz de me convencer de algumas coisa.

Ele foi em frente. Fui atrás, tentando acompanhar um raciocínio aparentemente ilógico. Fui concordando aos poucos, e fiquei – confesso – surpresa ao concluir que nós dois estávamos em um buraco terrível, e que éramos iguais em raça, credo, cor e ideologia.

Acendeu mais um cigarro e chorou como nunca. Eis a vida. Foi minha última conclusão.

¹ Não confundir com Simone de Beauvoir ou Prince, o músico.

Há dois tipos de suicídio. Dois tipos que matam sem causar escândalos. Um deles é estar apaixonada e o outro é manter relações de qualquer espécie com um analista. Essas palavras são de Vilma (a estranha), que, obviamente, já havia experimentado os dois.

Ela sabe das coisas.

Meu analista me esperava ansioso. Fumava um cigarro de filtro amarelo e vestia calças que combinavam com a cor do cinzeiro, com uma reprodução de El Greco e com meu sutiã. Estava vermelho de sol, apesar da muita chuva que as noites prometiam. Cumprimentou-me estranhamente, utilizando ambas as mãos, à maneira de Cristo na Santa Ceia.

As coisas começavam a dar errado.

Senti que me suicidava sem escândalos.

Talvez fosse mais eficaz se eu me casasse e engolissem meio quilo de pólvora. Não daria certo. A propósito, Luca desaparecera da cidade e não deixara pistas. Há uns cinco dias encontrei

sua irmã, Cália (a rouca), e perguntei sobre Luca. Ela perguntou se não estávamos morando juntos, pois Luca fizera as malas e saíra de madrugada, após uma briga com seu pai, com destino ao meu apartamento. Faz exatamente cento e vinte e oito horas que ele saiu, disse ela, depois de examinar o relógio obsessivamente. Fazendo as contas, Luca sumira há duzentas e cinquenta e três horas, quatorze minutos e vinte e um segundos. E dois.

Minha primeira reação foi entrar numa loja da Mesbla, com o intuito de fazer absolutamente nada.

Eu não me arriscaria a dublar uma detetive e sair à procura de Luca por bares e hotéis, se bem que havia muita vontade de fazer isso, mas essa vontade era imediatamente nocauteada pelas palavras de Vilma (a estranha) sobre tipos de suicídio e tudo mais.

Eu não quis voltar pra casa. Resolvi ver meus pais (Romeu e Julieta). Eles não estavam lá. Eu havia me esquecido completamente de que eles tinham viajado.

Eu nem fazia ideia por onde andava minha cabeça.

Meu analista venceu. Acabo de admitir que estou sentindo falta de amigos, mesmo que seja para guilhotiná-los.

Cheguei à conclusão de que a amizade é importante quando entrei num cinema. A fita era sobre uma família de nove crianças, todas irmãs e órfãs de pai e mãe, que sobrevivam à bomba de nêutrons, não se sabe como. O mais velho dos irmãos tinha dezoito anos. Não acho que uma pessoa de dezoito anos seja criança, mas o diretor acha. As crianças eram solidárias uma com as outras. O filme termina com as crianças sendo solidárias umas com as outras.

Sobem os créditos

Saí do cinema de saco cheio. E meio culpada porque dormira ao som de Chabrier, a base da trilha sonora. Não se pode dormir ao som de Chabrier. Talvez eu fosse punida pelos deuses. Talvez eu fosse punida pela heresia que é dormir ao som de Chabrier.

Mesmo sem saber, eu estava fazendo com que Vilma (a estranha) se tornasse minha amiga, ou algo que se assemelhe a

uma. Ela percebera que eu precisava dela. A essa altura, meus pais (Romeu e Julieta) já haviam voltado da Europa; Gaston se encontrava desolado em seu quarto; Luca desaparecera há aproximadamente mil e oito horas e assim por diante.

Eu e Vilma (a estranha) íamos bem. Não pensei que chegaríamos a conversar sobre banalidades ou sobre assuntos de interesse mútuo. Nunca pude imaginar que trocaríamos ideia sobre a origem da fatalidade.

Duas observações consideráveis de Vilma (a estranha)² :

Não há lugar suficientemente distante onde um homem possa se esconder, sem que lhe percebam as cicatrizes da idiotia.

Não deveria existir uma mulher suficientemente louca capaz de cometer suicídio utilizando uma corda.

Ela citou Santo Agostinho, Sartre e Malraux. Disse que Gaston era um bom menino, educado, belo e inteligente. Disse que eu estava um pouco sonolenta e que não se importaria se eu dormisse na sala. Há mais ou menos mil e trinta horas Luca havia sumido.

Mudei-me para a casa de Vilma (a estranha). Já um pouco cansada da brincadeira de Virgem em sua gruta, não me

² Não confundir com Marina Colasanti.

furtei a lhe pedir auxílio, levando algumas peças de roupa, alguns livros, toneladas de arrependimento e meu travesseiro. Ela não se importou mesmo. Resolvi que dividiríamos as despesas. Ela aceitou.

Tive a impressão de que ia dar certo.

Eu estava para fazer vinte e dois anos e meu analista resolveu presentear-me com algumas palavras.

Foi sutil ao dizer que eu estava no caminho certo, e que finalmente havia encontrado uma amiga. Disse mais algumas coisas, mas nada de interessante. Retribuí de imediato: além de um sorriso, resolvi que acreditaria nele, pois sabia que esse era o melhor presente que se pode dar a um analista.

Pode apostar.

Encontrei um homem de olhos sem brilho, feitos de madeira. Estávamos no elevador e apertamos o mesmo botão.

Ele era amigo de Vilma (a estranha) e, portanto, entramos no mesmo apartamento, surpresos e ao mesmo tempo curiosos. Ele sorriu e fez um comentário rápido sobre a eficácia das coincidências. Devo ter concordado com o que ele disse. Ao entrarmos, encontramos Vilma (a estranha) sentada sobre almofadas

grandes e de formato indefinido. Lia um livro de poemas cujo título era *Afastese dele, Bruce Horn!* Soltou um sorriso ao ver o autor do livro. Era ele, o homem que Vilma (a estranha) tinha nas mãos. Ele também sorriu para ela. Sentou-se, fez imagem de poeta compreendido e mais outras imagens sem significado. Perguntou meu nome. Vilma (a estranha) apresentou-nos. Fui para o quarto e nunca mais vi Adolfo Costa. Era o nome dele. Não achei que tivesse nome de poeta. Nem olhos.

Luca continuava desaparecido. Liguei para sua irmã mas ela não me deu as informações de que eu precisava. Pousei o telefone no gancho e apaguei a luz do quarto. Não há nada no mundo como a respiração no escuro. Nada.

De acordo com o calendário – há um desconto para uma pequena margem de erro –, Luca está desaparecido há noventa e um dias; ou seja; está desaparecido há duas mil cento e oitenta e quatro horas.

Ninguém se importa com o desaparecimento de alguém até que fique provado que esse alguém atravessou o hemisfério. Não imagino o que Luca possa estar fazendo, ou o que quer, e assim por diante.

Comecei a fazer as mesmas coisas que as outras pessoas fazem.

Caetano rodava toca-discos. Assobiava uma triste melodia, dessas que, sem percebermos, penetram a carne feito agulhas. Vilma (a estranha)³ preferia gastar seu domingo lendo ou dormindo. Ela é uma pessoa inteligente, mesmo quando dorme. É provável que ela leve vantagem em todos os seus sonhos. Ou lê ou dorme. Se Gaston não existisse, eu poderia jurar que ela só faz as duas coisas.

Devo admitir que ela sabe aproveitar. Nesse momento, se estiver dormindo, está contracenando com Bogart & Cia.

Repito: ela sabe das coisas.

Cuidadosamente, virei o lado do disco, abaixando mais o volume. Encostei o ouvido na caixa de som, apanhei um cigarro e saí voando.

³ Nesse caso, não será inconveniente confundir com Hilda Hilst.

Há algumas maravilhas que podem ser encontradas na universidade, mas é preciso paciência para encontrá-las. Uma delas é uma pequena área de vinte metros quadrados de grama e terra, onde um quinto da população universitária, em horários estabelecidos e alternados, dorme, descansa ou fuma maconha. Parece estranho, mas poucos sabem como se chega até lá, mas se chega. Algumas trilhas são percorridas. As árvores parecem ter o mesmo tamanho, parecem ser da mesma espécie. Aparecem pessoas de todo tipo, estudantes ou não. Você pode conversar ou não. Se quiser conversar, não faltará companhia. As companhias me parecem agradáveis, mas, paradoxalmente, não me atraem. Há estudantes de todas as áreas, todos os tamanhos, de todo jeito. Uns sobre outros, uns com outros, uns sozinhos, uns deitados e outros em pé.

Eu, obviamente, estou sobre a grama, sozinha. Há um casal de namorados que se morde e se ama bem próximo a mim. É uma lourinha queimada de sol e um rapaz bastante baixo, menor do que eu. Não se importam com ninguém, a não ser que os importunem. Não os importuno e, portanto, estão no espaço de grama adequado.

A universidade tem sua dose de Paraíso.

As grandes árvores deixavam – pura paixão, com certeza – que o sol fornecesse alguns de seus sempre mesmos rai-

os. Um deles colidia contra minha blusa vermelha. Os dois namorados foram embora sem que eu percebesse. A grama não parecia amassada ou coisa assim.

Alguns rapazes me olhavam e certamente falavam sobre a minha figura frágil sentada sobre a grama. Um deles gritou alguma coisa mas não ouvi dada a distância. Eram, no mínimo, estudantes de engenharia, pois tinham o rosto ossudo e eram magros. Não conheço estudante de engenharia que seja gordo ou atlético. Nem conheço estudante de engenharia que se atreva a conversar comigo. Nem sei se eles conversavam. Sei que eles existem.

Levantei-me, certa de que me acompanhavam com o olhar. Limpei a grama que se instalara em minha calça. Dei as costas e fui pra casa. Poderia ter ido para a aula. Poderia ter sido devorada pelos estudantes de engenharia. Poderia ter acontecido um outro Dilúvio.

Meu analista resolveu assumir outra postura: fomos transportados, por culpa dele, para a Idade Média. Eu estava sendo cruelmente inquirida, sem saber a causa. Nós estávamos começando um suave desentendimento, coisa que não deveria acontecer. Nem sei se acontece a outras pessoas. Imagine só: uma sessão de terapia regada a discussões e pontapés. É constrangedor.

Terminada a sessão, e somente quando ela terminou, percebi que ele havia raspado o bigode. Parabenizei-o.

Nunca poderia imaginar que encontraria a família reunida na casa de Vilma (a estranha). Gaston, meu pai (Romeu) e minha mãe (Julieta). Todos confortavelmente instalados e com copos na mão. Vilma (a estranha), que era irmã de minha mãe (Julieta), conversava com meu pai (Romeu) sobre mim. Estavam se divertindo, pareceu. Gaston deliciava-se pensativamente ao olhar as pernas macias de Vilma (a estranha), pernas realmente bonitas. Minha mãe (Julieta) também tivera pernas bonitas, da mesma maneira que eu tenho pernas bonitas.

Cumprimentei a todos.

Gaston, como sempre, abraçou-me. Meu pai e minha mãe (Romeu e Julieta) deram-me beijos. Um em cada face. Dei-lhes a outra não beijada.

Eles haviam trazido a mesada que eu não fora buscar não sei por que motivo. Verdade: nem eu podia compreender. Perguntaram-me sobre o apartamento e eu lhes disse que ele ficaria vago até que eu resolvesse voltar pra lá. Não perguntaram mais. Desconheciam o motivo da minha saída em busca de socorro e iriam continuar desconhecendo pelos próximos anos. Não perguntaram mais nada. Sabiam que eu estava bem, ou suspeitavam, no mínimo.

Eles (Romeu, Julieta e Gaston) resolveram ir embora. Concordei. Levantaram-se e caminharam para a porta. Antes de sair, Gaston olhou mais uma vez as pernas de Vilma (a estranha). Ela movimentou os lábios e disse-lhe algo silencioso, um código. Ele sorriu.

Voltei a ficar sozinha. Vilma (a estranha) rumou para o banheiro, talvez um banho. Fiquei na sala, sentada na almofada ainda quente pelo traseiro de Gaston.

No outro dia eu já estava resolvida a voltar pra casa. Não que a companhia de Vilma (a estranha) fosse desagradável, ou que fossem mais desagradáveis seus amigos secretos, que se misturavam à noite, se embebedavam e desapareciam como se ela os tivesse inventado para deleite próprio. Eu raramente os via, mas eles existiam, tenho certeza. Sentada numa cadeira metálica, a preferida de Vilma (a estranha), movimentei o corpo e apanhei uma caneta e um bloco de papel, que se encontravam a menos de meio metro de mim. No bloco de papel lia-se, na capa: *Love*. E um imenso pássaro azul desenhado.

Meu Deus.

Escrevi um bilhete rápido, que dizia mais ou menos:

O ser humano não é imune à caretice. Nem os deuses são imunes à caretice. Acho que estou infeccionada por ela, peço desculpas.

beijos paz J.H.

Deixei o bilhete sobre uma das prateleiras da estante. Uma grande estante com vários livros ainda não tocados, com discos, vasos quebráveis, num aparelho de som e uma flor murcha há não sei quantos anos. Tomei um banho, vesti a roupa e fui embora. Novamente respirei o pó do mundo.

Difícil saber há quantos dias eu não via Luca. Mas nem tudo era desvantagem: percebi que o desespero não é tão repugnante como tenta ser.

Tentei me divertir antes de chegar em casa. Eram quatro da tarde, e eu estava muito a fim de voltar antes que escurecesse. Gosto de escuro.

Andei até o ponto de ônibus.

Tomei o ônibus. Sentei ao lado de uma senhora cega. Senti inveja, ou sei lá como chamam essas sensações esquisitas, essas sensações que dão medo mas atraem. A velha história do vampiro e da louira. Um dos dois vai morrer (obviamente o vampiro), mas se aproximam sem medirem consequências. A louira sente mais prazer do que a dor e o vampiro mais prazer.

É por aí.

A senhora cega deixou o ônibus antes de mim. Logo depois foi a minha vez.

Olhei pro céu, a chuva caíria em poucos minutos. Não compreendo a maneira como as coisas acontecem, e tão depressa, sem esperar que inventemos profilaxias contra a fatalidade.

Não sei como eu – ainda uma pequena imagem de carne, osso e vinte e um anos – posso reivindicar para mim mesma o título de pessoa normal, acostumada ao mau tempo e às questões imprevisíveis. Nunca entendi como as pessoas entram em nosso ambiente, adquirem características próprias e nos domam as frases, nos ensinam a fazer isso e aquilo, nos outorgam poderes, apertam nossa garganta e se dizem deus, amante, irmão e outras coisas.

É impossível prever corretamente as intempéries, diria

Vilma (a estranha), concordando com os sociocratas de grandes bigodes, os que desfilam nas capas dos livros de sua estante. Então ela ri, se levanta, dá as costas e tudo retorna à merda que sempre se manteve.

Não há como compreender os motivos que levam uma pessoa como eu a questionar existência. Só mesmo a chuva para provocar milagres.

Fiquei parada não sei por quantos instantes.

Começou a chover antes que eu pudesse achar as chaves, tanto do portão de entrada quanto a do eu próprio apartamento. Desde menina sinto vontade de morar na chuva. Tentei superar essa fantasia – não sei como meu analista chamaria a isso –, mas, como quase tudo que acontece, não deu certo.

Eu estava totalmente molhada. Da cabeça aos pés, passando pelo tronco e membros inferiores protegidos pelo jeans desbotado. Trivial ou não, lá estava a lua, comendo-se toda de tanto rir. Tentei proteger-me com a bolsa, colocando-a sobre a cabeça.

Achei as chaves. A minha calça jeans tornara-se irreconhecivelmente azul.

O que eu poderia encontrar em meu apartamento, tão rudemente abandonado, com suas luzes apagadas, cinzeiros sujos, móveis sem polimento e o cheiro de Luca impregnado nas frestas e maçanetas?

Enquanto subia as escadas, as dobras molhadas do jeans maltratavam a minha pele, deixando-a, certamente, vermelha, transformando as partes do meu corpo em pequenos vulcões. Minhas pernas estavam queimando, não pensei que fosse assim. Passei a mão pelo cabelo molhado, verifiquei se as minhas coisas estavam em ordem dentro da bolsa, se meus papéis não se haviam desfeito, se minha caneta vomitara sua cólera, manchando de azul – para combinar com o jeans – os meus livros, minhas blusas e meus segredos. O que eu encontraria dormindo sobre meu assoalho? Talvez baratas ou poeira.

Depois do segundo andar minhas pernas desenvolveram um outro ritmo; um ritmo mais tenso, e minha pele cada vez mais vermelha, minha bolsa balançava, pesada. Devia haver saliva por todo corpo.

A cada movimento, as paredes ficavam mais brancas. Eu devia estar me desfazendo.

Quinto andar. Não imaginei que conseguisse. Não tive coragem de constatar se minhas coisas estavam em ordem.

O medo: abrir a porta, encontrar minha mãe (Julieta) recostada em meus travesseiros, sobre a minha cama; nua como um animal que nunca se vestiu ou se lavou.

Ou o medo: meu pai (Romeu): encontrá-lo sorrindo suas dúzias de dentes; encontrá-lo sinistro com seu bisturi, à minha frente, e recorrer aos mais absurdos ritos do sabá, cuspir veneno, e, feito dinamite, explodir a olhos vistos, fazendo escorrer pelas paredes seus intestinos.

Engoli seco, apesar de tudo.

Busquei, na confusão das chaves, uma que se distinguiu das outras. Era a chave da porta, com o número do apartamento inscrito. Esperei um momento, até sentir-me idiota por não me lembrar do elevador. Não importava. Minhas pernas continuavam em brasa, meus cabelos continuavam molhados, e uma última (?) gota desceu pelo nariz. Lembrei-me de Luca. Ele havia visto uma cena assim num desses filmes imperdíveis, com atrizes de nomes impronunciáveis.

Ou: reencontrar meu analista em sua pose habitual, vestindo sua roupa de sempre, insultando-me com suas citações, colecionando seus peixes tropicais. Suas sobancelhas dançando: bailarinas. Meu analista mimetizado: um lobisomem à solta pelos apartamentos.

Ou então: Gaston e Vilma (a estranha), um no outro, sobre a pia da cozinha, temperados como uma salada.

Ou eu: não tão mesma como fui antes. Alterada, pétalas e anemia em minhas maçãs do rosto. Um cúmulo.

Ouvi um marido gritar com a mulher, um grito que parecia um tiro, um gemido, ou um cão que latia sob um automóvel.

Depois o silêncio de conteúdo ignorado. Uma sombra ultrapassava seu próprio movimento. Um nome na parede, um coração e uma flecha. Loucas, algumas crianças disputavam um canal de TV.

Dúvida é imitação de desastre.

Ou: todos juntos, em fila ou em círculo, todos com facas onde deveria haver olhos.

Empunhei a chave, girei-a duas vezes e entrei. Corri a mão pela parede, acendi a luz. Minhas pernas já estavam secas; também o cabelo e a garganta. Fui até a cozinha, o termostato da geladeira estava funcionando normalmente. O fogão com sua naturalidade metálica, as prateleiras amarelas e as latas de mantimentos sobre elas. Tudo bem, não era necessário revistar o resto da casa

Com um pouco de esforço, posso concluir que Luca está desaparecido há duzentos e nove dias. Não consigo contar as horas. Talvez amanhã alguma notícia no jornal surpreenda minhas previsões.

DA MELHOR NOITE

Nós nos encontramos. Foi uma noite ótima, diria Juliana, solitária e quase rudemente amarga. Seca como um vinho. Juliana, após ter lido em voz alta todos os poemas de Gregory Corso, após todas as serenatas para Jack Palance. Nós nos encontramos na esquina da rua mais movimentada da cidade.

Eu estou acompanhado de Ingrid Bergman. Faço jeito de herói latino, o cigarro apagado e meu braço sobre o ombro dela. Oh, Ingrid, nós nos separamos durante toda a noite, um século sem luzes ou variações. Ingrid brinca com seus próprios dedos, construindo figuras na sombra. Eu me diverti muito, digo para as pessoas que passam. Elas nos observam, atentas. Nós nos encontramos. Eu, Juliana e Ingrid. Juliana está disposta a contar sobre suas viagens com Neal Cassady (mas espero que ela não se decepcione se fecharmos os olhos), seu resumo sobre estradas e gasolina. Continua a dar nós em suas inquietas pa-

lavras até que sejamos apanhados pela polícia. Ouça atentamente, Ingrid, leia nos olhos dela a incansável narrativa sobre jazz e barbitúricos.

Nós estamos sob muitas luas. Até que eu reservaria um momento para um beijo (um beijo dividido – metade para cada uma delas) ou uma frase de estilo. Juliana senta-se no meio-fio e tira os sapatos. Depois joga-os para o asfalto. Juliana tem longos cabelos amarelos, inconfundíveis dentes caninos e sente os primeiros sintomas de delírio quando ouve Ornette Coleman. Veja, Ingrid, observe mais uma vez que os carros tremem sobre suas próprias rodas. Todas da mesma cor e marca. Não há mais faróis que interrompem a madrugada escura de janeiro.

Sim, nós nos encontramos. As duas com as mesmas etiquetas nas saias, os mesmos decotes e ruídos. Juliana provavelmente veio até a esquina, esticou-se, sorriu para o guarda-noturno e esperou que chegássemos. Mas ela não nos contará, não dirá uma palavra sequer. Talvez seja preciso um interrogatório policial, com óculos escuros e chicotes.

Eu olho para o outro lado da rua não vejo mais ninguém. Juliana espera que Errol Flynn desabe sobre sua cabeça. Ou então mande um postal com beijos e agradecimentos. Os olhos dela têm um brilho esquisito que não se apaga. Ingrid caçoa de

si mesma, enrolando os braços na minha cintura. Deixo que se divirta, mas não muito. Às vezes ela fica feliz como um canário.

As tais orgias que tínhamos combinado foram por água abaixo. Simplesmente nos encontramos e ficaremos aqui parados até que amanheça. Não sei se faltam semanas ou meses. Juliana continua sentada sobre o meio-fio e não é possível imaginar o que ela pensa nesse exato momento. Ingrid, ao contrário, sente-se como uma rainha hindu, inventando seus anéis e cordões. Todo o problema se resume em não saber o que nos espera quando nos mandarem buscar.

Nós estamos escondidos numa esquina. Sem cervejas ou televisão. Não somos um alvo fácil de ser derrubado. Talvez eles precisem de muitos canhões (de diferentes tipo e tamanhos).

Estamos em uma rua sem nome – o nosso endereço é um equívoco. Juliana continua seu destino, misturando passeios com Lovecraft & Cia. Não se esquece de Gary Snyder: beija-lhe o rosto ossudo e sem espinhas. Nós nos encontramos, Ingrid. A minha adorável estrela ainda se comove com os roteiros sobrevoando seu quarto desarrumado. Tudo passa, digo, tudo passa. Como as dores de cabeça.

A luz do poste está sobre nossas cabeças. Ingrid me abraça. Mais parece uma normalista prestes a ser violada. Os olhos

de Juliana brilham da mesma maneira, com a mesma intensidade. Elas sabem que esta é a nossa última noite.

Foi uma noite e tanto, diremos, antes que eles cheguem. Nós nos derreteremos, não teremos mais nosso uísque sobre a mesa do jantar (eles o terão levado mal soe alarme). Eles nos chamarão três vezes, mas há uma chance de fugir, se bem que nós três a desconhecemos. Eles tocarão seus sinos como última chamada – é o aviso aos retardatários.

Não nos desesperemos. Foi uma noite ótima, a lua continua a mesma e Juliana ainda sentada no meio-fio. Ingrid Bergman aperta meu braço com ainda mais força. Ela perdeu suas tranças durante a noite. Juliana fica a ouvir música no último volume dos seus tímpanos. Gary Cooper enrola-se no lençol sujo da cama dela e sorri como um adolescente. Juliana está numa festa povoada de deuses e croquetes.

Olho as duas pela última vez. É muito arriscado dizer isso, mas quem sabe, um aperto na mão de Deus ? E suas mãos, Ingrid? Como estão secas. E seus olhos e rugas no pescoço. Com que ferramenta lhe fizeram tão linda? E você, Juliana, como roubaram você das molduras de Rembrandt?

Foi uma noite, diria Juliana, montada em seu cavalo, os pelos voando como Lady Godiva. Espero que ela não deixe que

cupram seus sonhos com tinta e veneno. James Dean esperando por ela, milhões de frases para dizer. Espere, Ingrid, espere. Juliana irá primeiro. Nós iremos depois.

DOIS MENINOS E UM JAZZ

MÁRIO – Lucas era minha camisa xadrez. E como se não bastasse estarmos os dois frente a frente (um jantar ou jogo de cartas), Lucas mantinha o sorriso dentro do meu e procurava responder, com a mesma voz de quando nos conhecemos, a minha primeira pergunta – era mesmo um desejo ou preferíamos cuspir em nossos pais? Lucas era meu jogo de damas e seria mais, não fossem as pedras amontoadas umas nas outras. Lucas fumava depositando as cinzas em mim.

LUCAS – Mário está no banho e o sabonete lhe desce como minha língua. Também desço as escadas até estar pronto, abotoando minha camisa vermelha e limpando meus óculos de noite. O mais chato é procurar um lugar onde estacionar o corpo. Lucas demora e sei que a demora é um estágio comum de desgosto.

MÁRIO – Lucas era meu assobio (nossas bocas emitiam um som que vinha da varanda onde costumávamos repetir os abraços). Éramos meninos ainda. Lucas e a noite quente engolem meu corpo e meu banho não é mais água e espuma. É dor gelada nas amídalas. Lucas era meu rosto no espelho e a barba cerrava a porta que se abria mais tarde. Lucas era meu desodorante e minha toalha.

LUCAS – Até quem sabe ele seria mais um sobre o lençol. Ou talvez fosse o outro que me abria a porta e fechava os olhos. Eu o teria conhecido em qualquer lugar e de qualquer maneira. Mário teria outro nome em outra carteira de identidade. E seria Hélio, Vítor. Ou engano. Mário encontraria outras pessoas nos lugares mais iluminados da cidade e seríamos outros. Não como estamos.

MÁRIO – Lucas era o que se chama Lucas. Um homem comum chegando aos quarenta, chegando e indo embora, com direito a rugas e espermatozoides. Lucas era meu primeiro sono até ser interrompido por sua própria insensatez (seus dedos moviam-se em silêncio) e por sua fraqueza momentânea dos dias de semana (costumava reler um livro depois do terceiro, quarto beijo). Lucas era meu sonho preferi-

do quando estávamos, os dois, em qualquer país, montando cavalos vermelhos. Lucas era a minha memória.

LUCAS – Mário não é meu. Ou talvez seja, como é meu todo esse dinheiro. Mário se aproxima – descalço, gravata informal em volta do pescoço, o cabelo cheirando a morango. Ainda me arrisco a perguntar onde gostaria de ir e ele me responde com um gesto mudo. Mário parece um menino azul.

MÁRIO – Lucas era meu cheiro e minhas meias. Lucas era música que toca – jazz quase mínimo, sem perceber que os clarinetes cochilam. Então sairemos mesmo, mãos separadas, como nos velhos tempos. E enquanto não passam os anos, consumimos a noite, cumprimentamos os conhecidos e ficamos bêbados, rentes um no outro.

(permanece o jazz com seus clarinetes)

SETE SEGUNDOS

1. Ela foi até a janela e acenou.
Ele caminhou por entre a folhagem do jardim, deu susto no cachorro. Sorriu pausadamente.
2. É arriscado o momento em que ficam a sós. Tudo pode acontecer (continua a chuva, o dia amanhece calmo, ou tudo termina em questão de segundos, sem mesmo ter começado). Existe apenas a mulher e seu blush, o rosto lembra a lua.
3. Ela bebeu demoradamente o gim-tônica sobre a cama. A camisola branca, os chinelos cor de areia (sem dúvida, uma estrela de Hollywood), sorriso só aparece nos filmes. Debruçou-se na cama.
4. Fingindo demorar-se alguns segundos até perguntar-lhe o nome, ela despiu-se. Já nem importa mais o que

dirão as sombras. Era como um filme antigo, uma silhueta fina de insinuações.

Ele esconde a calvície e sua.

5. Um hino infestado de clarins/ o cheiro da noite/ a garrafa quase vazia/ o ar morno/ janelas abertas, mostrando que o silêncio pode escapar.
6. O clima assilábico – ela sorri, confortando-o.
7. É inevitável mesmo.

3ª PARTE

Fiat Luz.
Deus

ZARIGER E O MUNDO

Homem de cidade pequena – esse costume, essa participação involuntária em minhas histórias –, Zariger acostumava-se, porém, cada vez que possível a fantasiar seus próprios interesses. Coloria seus túneis com suave traços mágicos e quase incompreensíveis (para alguns), tornando-se, dessa maneira, produto fiel de seu planeta imaginado.

Ninguém ousaria chama-lo de lunático.

Era cavalheiro com as mulheres, exímio violonista. Cento e setenta e cinco centímetros de uma insuperável ingenuidade. Nasceu e permanece em Vitória, e mantém relativo contato com uma vizinhança heterogênea, tão simples e simpática quanto ele.

Lá nos conhecemos.

Talvez consigam me convencer de uma coisa: Zariger e eu temos a mesma mania, essa obsessão por construir cenários e personagens fictícios e situações. Às vezes transformo meus

familiares em criaturas que interessam. Em outras ocasiões, faço com que os bares de Vitória se tornem a imagem viva do purgatório.

Dei a Zariger um nome completo. Alfredo Zariger. Mãos delicadas, voz grave, da qual ele muito se orgulha. Embuti nele o afeto por mulheres bonitas. Enfim, de certa maneira, sinto-me Deus. Zariger é Adão.

Não sei se somos o que se pode chamar de amigos. Nós nos cumprimentamos informalmente, sempre que cruzamos numa calçada. Sorrimos. Raríssimas foram as vezes em que saímos ou bebemos juntos, o que me impede de tecer observações totalmente verossímeis sobre ele. Mas estou certo de que nos damos bem.

Zariger não tem uma família como as outras pessoas. Nem um animal de estimação ou uma doença. Não é infeliz, porém. Há pessoas que abdicariam do próprio sucesso por um diálogo com ele.

Nós o chamamos Zariger. Um costume que herdamos dos velhos filmes americanos. Não conhecemos nenhum outro Zariger em toda a cidade. Ele é um exemplar único.

Segundo suas palavras, o nome Zariger é de origem alemã.

Seu senso de humor é apuradíssimo, embora ele não o revele durante as situações que ele mesmo cria. Não há notícia de que não tenha-se tornado um super-herói ao encarar uma

catástrofe. A consciência de responsabilidade faz com que seus poderes se multipliquem. Seus apuros não são minha responsabilidade, e sua autonomia, longe de ser uma dádiva, foi uma conquista.

Ele sempre se sai bem.

Houve uma relativa concessão por parte dele no que vou contar. Desde que você se responsabiliza – disse ele –, afirme e conclua qualquer aventura sobre mim. Alicersei-me, então, de todas as maneiras a fim de edificar um sonho.

Zariger trabalhava oito horas por dia numa livraria. Certamente gostava do próprio ofício, pois nunca ouvi – inclusive sob o mais tímido sussurro – reclamações. Arrumava os livros em prateleiras e concordava sempre com as opiniões de seu patrão. Limpava o chão, recolhia papéis que se misturavam ao bege do carpete, limpava os cinzeiros e fazia café. Os clientes, quase todos amigos do dono da livraria, pareciam gostar de Zariger. E de café.

E Zariger passou a almoçar café – todos os dias.

Nessas horas me intrometo: nunca permitiria que uma gastrite – por mis leve eu fosse – tomasse-o de súbito. O café prenunciava os cigarros.

Zariger convivia com seres de todos os tipos e sexos. E sorria para todos, principalmente para as colegiais eu apareciam à procura de livros didáticos. Trabalhava de nove da manhã

ao meio-dia. Retornava às catorze e deixava o trabalho às dezoito. Não era trabalho pesado. Ar refrigerado, café, livros e uma professora de francês que sempre aparecia. Possuía ancas pelas quais Zariger rezava todas as noites. Ele deu-lhe um nome: Nayara. Caía-lhe como chuva fina. Ela – obviedade – nunca se atrevera a dar bom-dia a Zariger, mas conversava bastante com o dono da livraria, pareciam ser amigos. Zariger contentava-se em observá-la mexer suavemente os quadris e apreciava os detalhes mais ignorados de seu tornozelo. Pouco depois, ela ia embora. E a livraria adquiria a plenitude de um mausoléu.

Ao ir embora, Zariger despedia-se de todos que ainda permaneciam na livraria. Acenava com a mão, como se simbolizasse a promessa de que viria no outro dia. Pegava um ônibus e voltava para casa.

Chegando ao destino (um cômodo grande, com uma cama, geladeira, telefone e banheiro), tomava banho, sentava-se na cama e, feito uma pessoa normal, pensava. Mas geralmente não por muito tempo, pois os clientes telefonavam. Marcavam a hora. Zariger então limpava todo o quarto, aromatizava-o com uma fragrância de sua própria fabricação e ficava esperando que dessem nove horas.

Eles sempre chegavam às nove. Alguns, mais descontraídos, apertavam a sua mão.

A janela. A janela sempre ficava aberta e nela Zariger se sentava, acompanhado de seu violão. A luz, sempre apagada,

despia os integrantes do jogo. A mulher, geralmente mais tímida, só pronunciava frases quando percebia que tudo estava bem, desde a música (adequada) até os ágeis dedos de seu parceiro.

Zariger permanecia em sua posição durante todo o tempo, variando no repertório, que ia desde música clássica até o rock tradicional.

Era perfeito. Não havia do que reclamar.

Ficavam até o meio da noite. Três, quatro horas, dependendo do combinado. Outros ficavam até de manhã. Somente depois de estarem vestidos, eles acendiam a luz. E lá estava Zariger.

Zariger oferecia o banheiro, mas prevenia contra baratas gigantescas que havia em todo o bairro. Ele tentara de tudo, mas fora inútil. Eles geralmente recusavam, com pressa de chegarem às suas casas, mas prometiam voltar.

Quando ainda tinha fôlego, Zariger soletrava ainda algumas canções. Quando não, resumia-se em arrumar o quarto, trocar os lençóis e os travesseiros. Ia até a geladeira e apanhava uma cerveja. Ao dar por si, já era outro dia, e ele estava sentado em sua banquetta de madeira, todos os livros arrumados, o café pronto e a livraria aberta.

Nos fins de semana as coisas se modificavam. Zariger ia até a praia de Camburi e compunha melodias silenciosas para as centenas de ninfas bronzeadas que desfilavam suas tranças e suas tatuagens. Ia aos cinemas, aos bares, às festas.

Uma de suas predileções era andar pela cidade e constatar que Vitória não mudaria um costume até o ano 4000. Exatamente nesse ano ela afundaria.

Volto para absolvê-lo, se for preciso. Se não for, deixo que ele cuide de si mesmo. Minha interferência não o faz resmungar. Ele me olha com um desprezo simulado que mais parece um pedido de desculpas.

Não sei explicar.

De uma maneira ou de outra, Zariger sentia-se satisfeito. Não é de minha absoluta certeza se ele reconhece minha participação nisso tudo. Não posso afirmar com veemência. Talvez ele esteja sendo justo consigo mesmo mantendo-se alheio a meus conselhos. Eu estou sendo justo comigo mesmo afirmando isso. Espero que todas as pessoas sejam justas consigo mesmas acreditando em mim.

A lua. Zariger observava a lua enquanto seus dedos explodiam num blues sentimental. Zariger havia-lhes dado nomes comuns: Renato e Suzana.

Depois de terem-se acomodado na cama, depois de todas as mordidas preliminares e beijos, eles estavam agora um sobre o outro. Na sombra, mal se identifica quem é quem. Zariger conhecia Renato, pois ele já aparecera algumas vezes, mas nunca com Suzana. Ela seria uma bela mulher não fosse o mau comportamento de suas cordas vocais. Seus gemidos se assemelha-

vam a um cão sendo torturado. Como dois objetos em plena harmonia, elas balançavam e riam.

Zariger na janela. Violão improvisando seu delírio particular. Constatava que era um profissional de estilo.

Estavam suados. Um dos intrometidos raios de lua alcançou boa parte da coxa de Suzana, revelando, desse modo, uma cor caramelo quase marrom forte. O sol de Vitória merecia aplausos.

Zariger tinha consciência de que deslizara. Não é bom observar a clientela, a não ser que seja um desejo mútuo.

Zariger continuou seu ritmo. Suzana e Renato pareciam satisfeitos com a bebida que lhes fora oferecida: vermute. Em noites frias havia conhaque.

Acabaram dormindo. Fazia parte do acordo. Zariger concordava em ceder o quarto até as seis. Havia certa quantidade de dinheiro que era cobrada a cada hora que passava. Não houve problema. Renato podia pagar.

Logo que dormiram, Zariger parou de tocar. Foi até o banheiro e verificou se as toalhas estavam limpas. Deu descarga só pra conferir. Voltou-se, olhou Suzana nua sobre a cama. Suas costas eram bonitas. Olhou o relógio: duas e quinze. Deu corda no despertador, ajustando-o para tocar às seis. Saiu, trancou a porta, desceu as escadas, sentou-se no último degrau e então dormiu. Ao acordar; fez o mesmo percurso, só que às avessas. O sol iluminava Renato e Suzana. Ela não era tão bela assim. Acor-

dou-os com música. Renato despertou primeiro e encarregou-se de chamar Suzana. Em questão de minutos, estavam vestidos e recuperados Renato pagou. Suzana sorriu. Abriram a porta e foram.

Numa das vezes em que conversamos, pensei em perguntar a Zariger como ele encarava seu estilo de vida. Ele teria piscado um dos olhos, como se me impusesse um enigma.

Não me interessa informar sobre a infância de Zariger. Muito menos sobre suas façanhas na adolescência ou qualquer outra época que se assemelha a um desastre. É confortante saber que ele não cometeu suicídio numa fase da vida em que o suicídio é uma solução vantajosa para todos. Zariger tornou-se um homem sem nunca ter precisado esconder seus traumas no bolso mais escondido da memória. E impossível dizer que Zariger não vive bem.

Tenho certeza de que ele é capaz de fazer com que as pessoas fiquem satisfeitas. Ele me disse isso e eu acreditei.

Às vezes Zariger cruzava com alguns de seus clientes mais frequentes. Olhavam-se e sorriam um para o outro. Zariger nunca se envolvia. Era seu método, sua conveniência. O telefone tocava quase sempre às oito da noite. Ou eram clientes desesperados ou era eu.

Na livraria, tudo como sempre. Zariger estava trabalhando lá desde dezembro último e pretendia continuar até que a po-

pulação de Vitória se tornasse completamente inútil. Então eles nem leriam mais. Ou então até que os amigos da livraria perdessem seu vício pelo café.

Eram pessoas de tipos variados. Homens, mulheres, altos, magros, gordos, baixos, médios, intelectuais, professores, artistas, jovens, assistentes sociais, adultos, crianças, pretos e brancos. Era o que Zariger chamava de seres. Havia os seres que compravam os livros e havia os seres que liam livros. Havia seres que não liam nem compravam. Eram noventa e cinco por cento da população.

Em qual categoria Zariger me incluía eu não sabia. Tive curiosidade, e apareci na livraria em busca de um livro sobre a origem das espécies. A livraria estava cheia. Estavam reunidos para comemorar alguma coisa. Perguntei se havia algum livro sobre camaleões de trinta mil anos atrás. Zariger levantou-se, ziguezagueou, e entregou-me um livro com a ilustração da capa muito sugestiva. Pareceu-me um *sinantropus* de longos bigodes, como personagens da Bíblia.

Ao fundo está Deus, usando dentes de sabre – pensou Zariger.

Agradei, depois de haver folheado o livro. Zariger perguntou se eu não desejava mais algum livro. Respondi que não, e abri a porta. Voltei.

Por algumas vezes pensei em deixar que as coisas seguissem seu rumo. Isso significava que as coisas seguiram seu rumo.

Eu sempre voltava atrás.

Zariger não parecia mudado. Talvez uma outra ruga tenha-se instalado em sua testa, mas nada que modificasse seu comportamento nitidamente natural.

Há uma coisa em Zariger que o faz diferente de todas as pessoas. Ele não se envolve facilmente com situações que não lhe dizem respeito. Isso é obra minha. Fui obrigado a substituir os seus miolos por uma grande porção de massa menos maliciosa, e capaz de, então, torná-lo quase invulnerável.

O tempo estava fechado. Algumas nuvens de azul cinza se intrometiam. Zariger abriu a janela e olhou-as. Não chegavam a ser assustadoras, mas estavam mal distribuídas. Levantou-se e, antes de se lavar, arrumou a cama. Antes de se vestir, olhou novamente as nuvens. Continuavam lá.

Nayara apareceu, como sempre. E como sempre não se preocupou em saber se Zariger estava ou não lá. Implacavelmente sedutora. Zariger continuou a empilhar os livros, dispondo-os, depois, em pilhas de dez, um sobre o outro, de tal maneira que se pudesse ler o título de cada um deles. Difícil para nós, não para Zariger.

Com muito estilo (mas talvez sem pensar), Zariger matou Nayara. Utilizou suas armas secretas. Suas armas secretas eram secretas inclusive para mim. Ela continuaria a aparecer, mas somente o dono da livraria se comunicava com ela. Nayara pas-

sava despercebida. Nenhum outro freguês da livraria olhou para ela com olhos de apetite tão comuns na cidade. Ninguém mais se importou com a rigidez de sua suntuosa bunda. Nem o seu vizinho, um colegial de quinze anos, ousou assobiar para ela. Encontrou na filatelia um passatempo mais proveitoso. Nayara amaldiçoou Zariger por duzentos anos.

Zariger estava ficando cansado. Resolveu programar-se.

Às segundas, quinta e sextas, atenderia a seus clientes noturnos. Folgaria às terças e quartas. O sábado e o domingo eram sagrados. Telefonou a seus clientes mais frequentes e comunicou o decidido.

Antes de voltar para casa, resolveu ter como companhia umas cervejas. Sempre ficava num bar perto de casa, num bar que abria suas portas para a avenida Vitória. Gostava dali. Havia uma garota de pernas bonitas e muito magra. Zariger apreciava mulheres magras. E mais: ela era branca. Outro ponto para ela, pois Zariger gostava de admirar as veias azuladas que saltavam das mãos de mulheres brancas. Ela era bonita realmente. Imediatamente, Zariger deu-lhe um nome. Helena. E Helena passou a atender. Nem sempre ela trabalhava no balcão. Às vezes ficava no caixa ou no então servia às mesas. Por detrás do balcão, Zariger pôde imaginar como eram suas pernas. Alguns instantes depois, pôde constatar que não estava errado. Não apenas suas pernas eram bonitas. Seus seios pareciam ser cuspidos pelo tórax. Saltavam.

Ela daria uma excelente garçonete em qualquer bar, pensei.

Helena sorriu para Zariger. Depois de pagar, ele foi embora. Era uma terça-feira.

É claro que Zariger não é uma pessoa comum. Mas se comporta como uma. Sabe ler, escrever, cantar, rir, sentir e amar. E as manifestações químicas do seu corpo são normais. Precisava de dinheiro, sabia fazer café e tomava banho duas vezes por dia.

Seria aceito em qualquer planeta.

Os seus poucos defeitos podiam ser camuflados. E podiam ser contadas a dedo as pessoas que o conheciam. Ele e eu. Ele muito mais do que eu.

QUINTA, 19 horas.

Um senhor de cinquenta e dois anos ligou para Zariger. Disse que tivera ótimas referências e que um amigo lhe mandara procurar Alfredo Zariger. Alfredo Zariger procurou encontrá-lo. Explicou como o senhor de cinquenta e dois faria para chegar. Deu-lhe o nome da rua, todas as coordenadas, etc. Não havia como errar. Deveria chegar às nove.

QUINTA, 21 horas.

O homem de cinquenta e dois chegou com uma mulher de trinta. Estavam em forma. Rápidos detalhes (por minha conta): ele tinha grandes olhos abertos e alegres, magro e calvo. Ela, também magra, usava uma minissaia justíssima, que lhe fazia desaparecer o traseiro. Eram do mesmo tamanho. Combinavam em tudo.

Zariger mostrou-lhes a cama, o banheiro, apanhou o violão.

Sentou-se à janela, abraçado ao instrumento. A luz apagada. A lua escondida nas mesmas nuvens cinzentas que povoavam o céu de Vitória. Nem se atreveu a invocá-la.

Atacou de Pixinguinha e Orlando Silva. Depois Caetano, Ivan Lins e assim por diante.

etc.

Muito me orgulho de minha intimidade com a metonímia.

Zariger parecia disposto a trabalhar. Além do fato de estar permanentemente inspirado.

O homem de cinquenta e dois parecia gostar da mulher de trinta. E pareceu a Zariger que havia reciprocidade por parte dela.

Realizavam um majestoso congresso.

E Zariger continuava a dedilhar suavemente os sonhos alheios. Nada de interrupções, nada de rupturas. Eu aplaudi de pé.

Quando terminaram, o senhor de cinquenta e dois pediu a Zariger que se retirasse. Voltou dez minutos depois e eles já estavam vestidos. O senhor de cinquenta e dois soltou uma piadinha que nem eu, Zariger, ou a mulher de trinta entendemos. A mulher de trinta sorria como uma zebra.

Pagou e foram embora. Zariger olhou-os da janela. Entraram num carro vermelho e desapareceram.

Ainda na janela, Zariger finalmente viu a lua. Não toda, mas boa parte. Queria se desvencilhar das nuvens. Zariger disse-lhe boa-noite e fechou a janela.

Todo ser humano vai e vem. A isso os próprios seres humanos chamam de rotina. Ela não chegava a proporcionar verugas a Zariger. Acho que se davam bem. Quase nunca brigavam.

Na livraria ou na janela, Zariger mantinha contato com o mundo. Continuou sua vida, que por muitos seria classificada como medíocre. Fumava seus cigarros e bebia suas cervejas. Sorria para seus fregueses e clientes. Sentia vontade de comer, rir, mijar, correr e cantar.

Falo sério.

Levantou-se sem perceber que sentia dores nas costas. Isso geralmente acontecia. Nunca se preocupava com dores. Havia coisas mais importantes.

Trinta minutos depois, estava na livraria.

Sozinho. Responsável por nove toneladas de páginas.

O dia passava devagar, como um conta-gotas.

Zariger de pé.

Zariger sentado.

Zariger e a escada.

Zariger e os cinzeiros.

Zariger vendendo.

Zariger e o troco.

E a cidade. A cidade.

A morta entrava.

A morta saía.

E o tempo passou devagar.

Na volta para casa, dentro do ônibus, lembrou-se da dor nas costas. Uma garota sentou-se ao seu lado.

Saltou do ônibus e foi dar uma olhada em Helena. Ela não estava. Zariger não bebeu sequer um copo de cerveja.

Achei estranho.

No outro começo de noite, após uma embriaguez com livros de Thomas Mann e de ter conversado com aproximadamente trinta pessoas, Zariger reencontrou Helena. Tomou suas habituais cervejas, contou uma história curta, despediu-se e foi pra casa.

Começara a chover.

A chuva não impediu que os clientes aparecessem. Pela primeira vez vi Zariger torcer suas sobancelhas. Não estava

acostumado a tocar violão sentado numa cadeira. Como qualquer pessoa, ficou sem saber o que fazer.

Contribuí mais uma vez: a chuva parou.

Há de convir que a mulher era mais bonita. Na minha opinião, a mais bonita que já aparecera por ali. Cabelos pretos, quadris de exato volume e, como poucas mulheres nessa cidade, sabia andar. Zariger apreciava mulheres que sabiam andar.

Zariger sentou-se e tocou.

Eles gostaram.

Depois de tudo, depois de bocas, dentes e carne sobre carne, depois de fascinantes e terríveis momentos num quarto escuro e desconhecido, eles retornaram aos seus aposentos.

Fiz chover de novo.

Às vezes sinto vontade de não me intrometer muito.

Zariger estava estranho. Posso afirmar isso porque o conheço. Parecia apaixonado. Apaixonado por Helena. Não cheguei a perceber se havia algo mais interessante naquele bar do que as cervejas. Zariger passou a sonhar com os olhos dela, passou a despi-la com o olhar. E o que era pior: Zariger disse isso a ela. Disse que não conseguia mais dormir etc., etc, essas coisas que dizemos às mulheres para que elas evitem os psicanalistas.

Senti que haveria problemas.

Eu não sabia se Zariger falava sério ou não. Infelizmente eu tinha certeza de que ele não estava bêbado.

Senti que haveria muitos problemas.

Zariger não sentiu isso. Helena também não.

Teoricamente, nada impede que as pessoas sintam atração umas pelas outras. Também na comarca da teoria, não há um dispositivo legal que impeça as pessoas de perderem o sono umas pelas outras.

Zariger percebeu isso aos trinta anos.

Não o condeno. Apenas acho que o amor é o primeiro estágio de autodestruição. Devo confessar que Helena resumia adjetivos satisfatórios, mas que poderiam levar Zariger à ruína.

Eu percebi isso agora.

Helena vestia-se exatamente como eu previra.

Saía branca nos joelhos, blusa lilás. Sem unhas e rosto pintados, a única cor que lhe sobressaía era a dos olhos. E a sua pele, depois do banho, tornava-se ainda mais branca. Pude ouvir sua voz, calma como um voo.

Incompreensivelmente adequada.

Andaram.

Fazia um domingo de tarde simples e com pouco sol. Fizeram tudo que um casal comum faria. Riram, conversaram, experimentaram pizzas e chocolates. Até estarem sozinhos em frente à casa de Helena. Zariger olhou o relógio e achou que era hora de ir. Ela concordou, embora estivesse admirada com a não insistência de Zariger para ficar um pouco mais. Ele deveria reconstituir algumas histórias até conseguir beijá-la. Mas

nada aconteceu. Zariger esperou que Helena entrasse, atravessou a rua e foi para casa.

Talvez eu não tenha motivos, mas todas as minhas glândulas vibraram de desconfiança.

Os dias de Zariger começaram a se multiplicar. Vinte semanas pareciam meia hora. E Zariger continuou a dominar perfeitamente as situações. Continuou a receber seus clientes nos horários estabelecidos e os fregueses na livraria.

Helena também continuou seu ritmo.

Os dois continuaram.

Há uma ordem natural em todas as coisas. Sendo assim, os encontros entre Zariger e Helena se tornaram mais frequentes. Sentiam vontade. E a chamamos de paixão uma vontade. Grande problema é defini-la.

Chega.

Seria desonesto fazer com que aparecessem outras garotas na vida de Zariger. Eu poderia muito bem ressuscitar Nayara. Ou fazer Helena ser tomada de um câncer.

É desonesto achar que eu seria capaz de fazer isso. Se eu fosse capaz, teria feito. Mas não posso me esquecer de que Zariger assassinara Nayara e que somente ele poderia fazê-la reviver. E foi também Zariger quem tornou Helena atraente e lhe deu um nome.

Resumindo: eu estava dotado de uma impotência irreversível.

Chega.

Acreditem: Zariger quase deixou de atender a sua clientela noturna por causa de uma garota. Chegou a pensar em desistir de tudo, ficando apenas com o emprego na livraria.

No fundo, Helena detestava envolver-se com um *voyeur*.

Depois de todas as explicações, Zariger arrancou um longo beijo de Helena. Alguns sorrisos vieram depois.

Não houve minha interferência.

Clientes não faltavam.

Ora eram jovens, ora eram casais dispostos a minar o cotidiano.

Eu fazia com que a lua se expusesse para Zariger. Ele gostava disso. Fiz com que recebesse um aumento. Ele gostou.

E por aí vai.

Há alguns gramas de tirania em toda ser benevolente. A partir dessa ideia, Zariger protagonizou situações difíceis, das quais um ser humano comum não sairia ileso.

Zariger não saiu ileso.

Pelo contrário, cheguei a me preocupar com os hematomas e com a sua tosse. Zariger não era um homem preparado para receber golpes baixos.

Eu havia sido implacável.

Errei mais uma vez. A palidez de Zariger só fez Helena aproximar-se ainda mais dele. Ela encarregou-se de desmarcar seus compromissos à noite e foi pessoalmente à livraria justificar suas faltas.

A essa altura, o pai de Helena já se acostumara a possuir um genro.

Os clientes vinham de vários lugares. Cumpriam com suas funções enquanto Zariger fixava-se na janela. Ele e o violão. Os clientes voltavam aos seus lugares.

Zariger arrumava a cama.

Dormia.

Mesmo achando tudo muito natural, senti uma pontada nos intestinos. Apanhei um cigarro, sentei-me e fiquei a pensar. Algumas imagens ficavam em minha memória, como inquilinos. Outras, talvez menos importantes, amontoavam-se, indo formar coágulos que, mais dia menos dia, formariam volume numa lata de lixo.

Essa é a minha definição de baixo astral.

Fui beber com alguns amigos. Sei que são amigos porque nos embebedamos juntos. Eram oito e meia de uma terça à noite. Zariger, nesse momento, arremessava suavemente sua língua contra o seio esquerdo de Helena. Em questão de segundos, ela concedia o outro.

Sem exageros: meus ossos pulsavam.

Movido pelo descontrolo, tive minha última ideia. Antes de sair, multipliquei ainda mais os dias. Pulei de uma quarta para um sábado à tarde. A minha ideia era conversar com Zariger. Não sabia sobre o quê. Uma conversa como a de um pai para o filho, de amigo para amigo, ou de mim para ele. Zariger costu-

mava dormir aos sábados. Ele não se importaria em levantar e conversar um pouco.

Certo de que Zariger estaria envolvido com lençóis e sonhos, entrei sem pedir licença. Violeni facilmente a fechadura e empurrei a porta sem brutalidade.

É preciso informar o que presenciei.

Estavam os dois sobre a cama. Helena, ainda branca (talvez mais agora), toda, nua como uma ave. Zariger disposto a fazê-la voar.

Uma garrafa de vinho e duas taças no chão.

A janela fechada, impedindo que o sol invadissem o quarto. Helena movendo os lábios, numa secreta pantomima. Confesso que não tive vontade de lê-los.

E os beijos. Muitos beijos foram gerados a partir daí.

Senti que alguma coisa faltava: música.

Fui até o guarda-roupa e apanhei o violão. Sentei-me. Troquei o resto de sol que ainda havia pela lua. Anoteceu com a música. Zariger de olhos semifechados, parecia sorrir. Não o sorriso que lhe dei. Confuso – ainda uma mistura de dor e satisfação estranha –, realizei meu último milagre. Fiz com que dormissem. Deixei o violão na janela, abri a porta e fui embora. No caminho para casa, olhei a lua. Não sei como é isso, mas sua maneira sensível de penetrar as nuvens, seu jeito tranquilo de abraçá-las, concedeu-me a certeza de que, naquele momento, Zariger e Helena estavam um no outro.

DIGA ADEUS A LORNA LOVE

Neste livro, faces pálidas, telemáticas, adormecem ao som de um violão, à razão de 24 quadros por segundo. Ou seja, impossível deixar de escutar o latido de um débil coração de yogurte sob a carne de vidro e de plexiglás. Francisco Grijó, esse jovem, inventa uma regra do jogo para suas criaturas.

A procissão dos seres caminha pelas páginas, manchada de gin, blues, sexo, cigarros, mas penso que, da moita de imagens – signo de algum nosso antigo reconhecimento desmaterializado – o crime de Vanessa Redgrave, em *Blow Up*, os persegue.

Francisco Grijó, esse jovem escritor, ata a ponta das fitas das máscaras. Os mitos inventam meia dúzia de almas privadas, convincentes, e saem por aí no papel, fazendo de conta que serpentes aladas convivem aos beijos com heliotrópios de fita durex. A musa Ingrid Bergman comparece, mas parece destinada à imaterialidade do écran, bela Ilde, miragem de um fotograma fantasma a nossos olhos de Rick. Bob Dylan, no horizonte, ilumina estes contos como um quarto crescente no canto vazio da sala: *who killed Lorna Love?* Quem poderá salvar Joana Head, *baby sitter* das dores humanas, lembranças?

Francisco Grijó, esse jovem escritor em progresso, modela, com sangue de plástico e pele de celuloide, seres de um mundo biônico, sem cor e sem cheiro e sem gosto, onde goram os ovos do velho mistério. Ele incinera, assim, um pouco do carnaval das grandes esperanças humanas da maneira como só os mais jovens, os mais sensíveis, os mais atingidos poderiam fazer. Mas recolhe um bocado das cinzas, realiza o último milagre: modela criaturas e, instalado no frágil cordão da criação, não quer abandoná-las. Se recusa, obstinadamente, a ingressar no oitavo dia.

Bernadette Lyra